

A VINCULAÇÃO AOS PAIS, PAR ROMÂNTICO E AMIGOS E O
DESENVOLVIMENTO VOCACIONAL

Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do
Porto para obtenção do grau de Mestre, em Temas de Psicologia, na área de especialização de
Consulta Psicológica de Jovens Adultos

Autora: Carla Maria Moreira Sousa

Orientador: Professor Doutor Carlos Gonçalves

Resumo

A vinculação e o desenvolvimento vocacional apresentam-se como dimensões relevantes e estruturantes do desenvolvimento psicológico global. Os padrões de vinculação construídos na infância e reconstruídos ao longo do ciclo de vida emergem como o suporte para a construção da vinculação na idade adulta; ou seja, a qualidade das relações estabelecidas precocemente com os significativos garantirão a segurança pessoal na adaptação psicossocial, bem como na construção de trajetórias vocacionais dos adolescentes e jovens. O indivíduo, ao longo do seu desenvolvimento, estabelece vínculos diferenciados com as diversas figuras significativas, influenciando a construção do sentido e direcção para a existência na relação com o aprender e o trabalhar, isto é, no desenvolvimento vocacional. Este estudo pretende sublinhar que, apesar dos resultados escassos e inconclusivos da revisão da literatura, as dimensões da vinculação e do desenvolvimento vocacional não são constructos discrepantes; pelo contrário, uma vez que uma vinculação segura às figuras parentais, bem como aos pares, é relevante e decisiva para a promoção das escolhas vocacionais; ou seja, da qualidade da relação de vinculação dependerá a qualidade de comportamentos de exploração do investimento vocacional (Blustein, Prezioso & Schultheiss, 1995). Assim, a partir de uma amostra de 364 alunos de vários cursos e Instituições do Ensino Secundário e do Ensino Superior da Região Norte de Portugal, explora-se as relações entre a qualidade da vinculação dos adolescentes e jovens, na passagem do ensino secundário para o ensino superior, relativamente aos pais, par romântico, melhor amigo e o desenvolvimento vocacional, tendo em conta experiências de exploração e investimento vocacional. Apresentam-se os resultados exploratórios de uma investigação, reflectindo e atribuindo-se um significado psicossocial aos mesmo e retirando-se implicações para a intervenção psicológica.

PALAVRAS-CHAVE: vinculação, desenvolvimento vocacional, figuras significativas.

Abstract

Attachment and career development were as relevant and structural dimensions of psychological development overall. Patterns of linkage constructed in childhood and rebuilt over the life cycle emerge as the medium for building the link in adulthood, the quality of early relationships established with the significant guarantee the security personnel in psychosocial adjustment and in the construction of vocational trajectories of adolescents and young people. The individual, throughout its development, establishing links with the various different figures significant, influencing the construction of meaning and direction to the existence in relation to learn and work, that is, developing vocations. This study aims to emphasize that despite scarce and inconclusive results of the review of the literature, the size of the attachment and career development constructs are not discrepant, but that, since a secure attachment to parental figures as well as in pairs, is relevant and crucial for the promotion of vocational choices, that is, the quality of the relationship will depend on the quality of linking behavior to exploit investment career (Blustein, Prezioso & Schultheiss, 1995). From a sample of 364 students from various courses and institutions of Secondary Education and Higher Education in the North of Portugal, explores the relationship between the quality of the commitment of young people in transition from high school to higher education, for parents, romantic pairs, best friend and career development, taking into account experiences of exploration and investment career. The results of an exploratory research, reflecting and giving themselves a psychological meaning to it and withdrawing it if the implications for psychological intervention.

KEY WORDS: attachment, career development, significant figures.

Resume

Les ventes liées et de développement de carrière ont été comme les dimensions structurelles et du développement psychologique global. Les modèles de lien construit dans l'enfance et reconstruit durant le cycle de vie apparaissent comme le moyen pour la construction de la liaison à l'âge adulte, c'est-à-dire, la qualité des relations établies au début de l'importante garantir la sécurité du personnel en adaptation psychosociale et dans la construction des trajectoires professionnelles des adolescents et des jeunes. L'individu, tout au long de son développement, en établissant des liens avec les différents chiffres importants, qui influent sur la construction de sens et de direction à l'existence dans le cadre d'apprendre et de travail, qui est, le développement des vocations. Cette étude vise à souligner qu'en dépit de maigres résultats et peu de la revue de la littérature, de la taille de la pièce jointe et de développement de carrière des constructions ne sont pas discordants, les discordances, mais que, depuis un attachement à des parents chiffres ainsi que dans les couples, est pertinent et crucial pour la promotion des choix professionnels, c'est la qualité de la relation dépendra de la qualité du lien entre le comportement d'exploiter l'investissement carrière (Blustein, Prezioso et Schultheiss, 1995). Ainsi, à partir d'un échantillon de 364 étudiants de différents cours et les institutions de l'enseignement secondaire et l'enseignement supérieur dans le nord du Portugal, explore la relation entre la qualité de l'engagement des jeunes en transition de l'école secondaire à l'enseignement supérieur, pour les parents, même romantique, meilleur ami et de développement de carrière, en tenant compte des expériences d'exploration de carrière et de l'investissement. Les résultats d'une recherche exploratoire, reflétant et en donnant eux-mêmes un sens psychologique et à la retirer si les implications pour l'intervention psychologique.

MOTS CLÉS: attachement, le développement de carrière, des chiffres significatifs.

Agradecimentos

Na elaboração deste projecto contei com a colaboração de várias pessoas que contribuíram, directa ou indirectamente, para a sua concretização, pelo que gostaria de lhes manifestar a minha gratidão:

Ao orientador deste estudo, Professor Doutor Carlos Gonçalves, pela motivação, apoio, partilha do saber, pelas valiosas críticas construtivas e sugestões para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Professor Doutor Joaquim Coimbra pelo constante desafio à autonomia, à reflexão e espírito crítico.

A todos os que se disponibilizaram a colaborar neste estudo: aos órgãos de gestão, professores e psicólogos das instituições envolvidas e, principalmente, aos alunos que acederam voluntariamente participar nesta investigação porque sem dúvida que sem eles este trabalho não seria possível!

Às minhas colegas e amigas de viagem, que embarcaram no mesmo cais, pelo apoio, carinho e disponibilidade em ajudar e pelos momentos de partilha de angústias comuns.

À minha família, principalmente aos meus primos/as pelo apoio incondicional, compreensão, por serem importantes na minha vida, à Raquel pelo apoio e ajuda preciosa na tradução do resumo para Francês.

Aos meus pais um agradecimento muito especial pela paciência e compreensão com que me ouviram...por serem um *porto seguro*, enfim...por tudo!

Por fim, uma citação do livro intemporal e mágico que define perfeitamente o que pretendo expressar...

“ (...) Por enquanto tu não és para mim senão um rapazinho perfeitamente igual a cem mil outros rapazinhos. E eu não preciso de ti. E tu também não precisas de mim (...) Mas se tu me cativares, passamos a precisar um do outro. Passas a ser único no mundo para mim. E eu também passo a ser única no mundo para ti (...) A gente só conhece bem as coisas que cativou (...)

Saint-Exupéry (2001)

Muito obrigada a todos os que me cativaram e se deixaram cativar!

Índice

Introdução	1
I - A Vinculação ao Longo da Vida	3
II – O Desenvolvimento Vocacional	11
III – Estudo Empírico: Metodologia, Objectivos, Hipóteses, Amostra e Instrumentos	
1. Objecto da investigação e sua fundamentação	19
2. Objectivos gerais e específicos	21
3. Hipóteses de investigação	21
4. Metodologias da Investigação	26
Variáveis e planos de observação	26
Caracterização da amostra	28
5. Instrumentos utilizados e as suas qualidades psicométricas	
Questionário Sociodemográfico	28
Instrumento <i>Experiences in Close Relationships - Revised</i> (ECR-R) (Fraley, Waller & Brennan, 2000; Martins & Coimbra, 2006) no estudo actual	28
<i>Students Career Concerns Inventory</i> (SCCI) de Savickas (2002), traduzida e adaptada à população portuguesa por Gonçalves & Coimbra (2004).	31
IV – Apresentação dos Resultados da Investigação	
1. Resultados tendo em conta o ano de escolaridade, o género e o nível socioeconómico relativamente à escala <i>ECR-R</i>	35

2. Resultados tendo em conta o ano de escolaridade, o género e o nível socioeconómico relativamente à escala <i>SCCI</i>	38
3. Resultados tendo em conta as correlações das dimensões da vinculação às diferentes figuras significativas face ao desenvolvimento vocacional	40
4. Resultados da análise de regressão da vinculação às figuras significativas face ao desenvolvimento vocacional	41
Considerações Finais	45
Referências Bibliográficas	48

Anexos

Índice de Anexos

Anexo 1 – Questionário Sociodemográfico

Anexo 2 – *Instrumento Experiences in Close Relationships – Revised* (Martins & Coimbra, 2006)

Anexo 3 – *Students Career Concerns Inventory* – versão portuguesa (Gonçalves & Coimbra, 2003)

Anexo 4 - *Análise Factorial Exploratória da ECR-R – Estudo actual 07/08 – Figura Paterna*

Anexo 5 - *Análise Factorial Exploratória da ECR-R – Estudo actual 07/08 – Figura Materna*

Anexo 6 - *Análise Factorial Exploratória da ECR-R – Estudo actual 07/08 – Par Romântico*

Anexo 7 - *Análise Factorial Exploratória da ECR-R – Estudo actual 07/08 – Melhor Amigo*

Anexo 8 - *Análise Factorial Exploratória da SCCI-P – Estudo actual*

Introdução

O objectivo geral deste trabalho pretende ser um contributo para promover a reflexão, a análise e a compreensão sobre a influência dos estilos de vinculação às diferentes figuras significativas no desenvolvimento vocacional dos adolescentes e jovens, para que se possa intervir de forma intencional e sistemática. Especificamente, pretende-se analisar e compreender as associações entre a qualidade da vinculação dos adolescentes ao pai, mãe, par romântico e melhor amigo, relativamente ao desenvolvimento vocacional, traduzido em experiências de exploração e investimento. O estudo desenvolveu-se em cinco instituições do Ensino Superior e quatro Escolas Secundárias, com uma amostra de 364 adolescentes e jovens do 12º ano de escolaridade e do 1º ano do Ensino Superior.

A escolha do tema relaciona-se com o interesse pessoal pelas duas temáticas subjacentes, a vinculação e o desenvolvimento vocacional, sendo que na realização de relatórios tendiam a ser ambas referenciadas como importantes fontes de avaliação e reflexão acerca do indivíduo, dos seus comportamentos, sentimentos e problemáticas actuais, notando que os dois conceitos raramente apareciam relacionados. Por isso, após ter realizado uma revisão da literatura acerca da relação entre as duas temáticas, constatou-se que existia um número reduzido de estudos neste âmbito no nosso país, e os que existiam nos Estados Unidos também eram exíguos e inconclusivos, por isso considerou-se pertinente interrelacionar estas dimensões do desenvolvimento humano.

A perspectiva teórica e prática que orientou este estudo foi, principalmente, a abordagem ecológica e desenvolvimentista, tendo em conta que a vinculação e o desenvolvimento vocacional ocorrem ao longo do ciclo vital e em vários contextos, considerando-se, particularmente, os *microsistemas* família (pai e mãe) e o grupo de pares (par romântico e melhor amigo). Este quadro conceptual permite articular as variáveis pessoais e contextuais, ultrapassando as dicotomias do “todo social extrapessoal”, das abordagens de cariz sociológico, e o “todo pessoal intrapessoal”, da tradição psicológica clássica (Campos, 1992). A perspectiva ecológica (Bronfenbrenner, 1986, 1997) oferece a possibilidade de uma reconceptualização do desenvolvimento humano em geral no contexto de interações significativas, dinâmicas e recíprocas entre o sujeito em desenvolvimento e os seus contextos de vida, percepcionando-se, especificamente, a vinculação e o desenvolvimento vocacional como um processo desconstrutivo/reconstrutivo de significados e representações que o *self* estabelece na sua relação com os outros e com o mundo em que se insere (Vondracek, Lerber & Schulenberg, 1986).

Assim, nos dois primeiros capítulos apresenta-se e justifica-se o referencial teórico a partir do qual se desenvolveu este estudo, referindo as abordagens teóricas da vinculação e contributos de diferentes autores, salientando a vinculação ao longo da vida. Seguidamente, aborda-se o referencial teórico do desenvolvimento vocacional, enfatizando a clarificação do processo de exploração e investimento por serem dois processos psicológicos responsáveis e catalisadores do desenvolvimento vocacional e porque são dimensões fundamentais de análise neste estudo.

No terceiro capítulo, são delineados o objecto e os objectivos da investigação, as hipóteses em estudo e respectiva justificação e o procedimento da investigação: definição das variáveis, constituição e caracterização da amostra, selecção dos instrumentos de avaliação para operacionalizar as dimensões em estudo, com a avaliação das qualidades psicométricas dos instrumentos, mas também reflectindo acerca das vantagens e desvantagens da utilização destas escalas.

Os resultados são apresentados, discutidos e reflectidos no capítulo quatro, sendo analisadas e interpretadas as diferenças, em função das variáveis: ano de escolaridade, género e nível socioeconómico e cultural. Bem como, em função das correlações e regressões entre as variáveis da vinculação – *Seguro, Ansioso e Evitante* e do desenvolvimento vocacional – *Cooperação, Convicção, Confiança, Exploração e Investimento*. Finalizando com algumas considerações, onde se explora a contribuição destes resultados para a intervenção psicológica.

Capítulo I

A Vinculação ao Longo da Vida

I. A Vinculação ao Longo da Vida

A vinculação tem vindo a ser conceptualizada ao longo da trilogia de Bowlby como um fenómeno presente ao longo do desenvolvimento, enfatizando o papel vital que o comportamento de vinculação desempenha ao longo da vida do indivíduo, *desde o berço à sepultura*¹ (Bowlby, 1978, p.256).

A teoria da vinculação considera a necessidade humana universal de os indivíduos desenvolverem ligações afectivas de proximidade ao longo da vida com o objectivo de atingirem segurança que lhes permita explorar o *self*, os outros e o mundo com confiança (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bowlby, 1969/91, 1973, 1980), designado por modelos representacionais ou *modelos internos dinâmicos (internal working model)*². O desenvolvimento da confiança da criança (do jovem e do adulto) relativamente à disponibilidade e à sensibilidade das figuras de vinculação para responder às suas necessidades depende de duas dimensões: a) percepção de si próprio, enquanto merecedor de amor e atenção, capaz de desencadear nas figuras de vinculação sensibilidade e disponibilidade para responder às suas necessidades – *modelo de si próprio*; b) percepção dos outros, enquanto figuras acessíveis e responsivas para fornecer apoio e dar protecção – *modelo do outro*. Os modelos de si próprio e do outro tendem a desenvolver-se de forma complementar e mutuamente confirmatória. Um modelo de si próprio como amado e competente está associado a um modelo da figura de vinculação como emocionalmente disponível e facilitadora da exploração, enquanto que um modelo da figura de vinculação rejeitante e inibidora da procura de proximidade e da exploração tende a estar associado a um modelo de si próprio negativo, de desvalorização e incompetência. De acordo com Bowlby (1973), o modelo de si próprio experienciado na relação com a figura de vinculação tende a generalizar-se a outros contextos; ou seja, para além das interacções entre a criança e as figuras cuidadoras, também é importante considerar outras fontes de influência na construção dos *modelos internos dinâmicos*. Estes *modelos* também têm capacidade de transformação e adaptação às características dos novos períodos desenvolvimentais e aos novos contextos ao longo do ciclo vital, podendo sofrer alterações consoante as mudanças na natureza e na qualidade das interacções entre a criança e as figuras de vinculação (Matos, 2002). A

¹ From “*the cradle to the grave*”

² Bowlby (1973), de acordo com Craik (1943) “has selected the term “internal working model” to describe the individual’s internal representation of the world, his attachment figures, and the relations among them. As other things, the internal working model is expected to contain a rough-and-ready sketch of the environment and the self which can be mentally manipulated prior to undertaking possible future action. The internal working model is conceived as an integral and necessary component of the attachment behavior system” (Main, 1986, p.131).

vinculação define-se tendo em conta quatro componentes: procura de proximidade, protesto à separação (*separation protest*), refúgio seguro (*safe haven*) e *base segura* (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978; Bowlby, 1988). Estes componentes são mais facilmente observáveis no comportamento das crianças com as figuras de prestação de cuidados. A existência de uma *base segura*, permitirá à criança a exploração do ambiente, sendo que quando esta acessibilidade é questionável, a actividade de exploração, considerada necessária para um bom desenvolvimento cognitivo, social e emocional, é reduzida.

Mary Ainsworth realizou o primeiro estudo sistemático de observação do desenvolvimento da relação de vinculação entre o bebé e a respectiva mãe. Juntamente com os seus colaboradores conduziram um estudo longitudinal, que consistiu em observações sistemáticas das interacções de 26 díades mãe-bebé. Este estudo foi designado por *Situação Estranha*, que era constituído por uma sequência planeada de oito episódios com a duração aproximada de três minutos cada. A intenção era criar condições para activar o sistema comportamental de vinculação, e de exploração de bebés no final do primeiro ano de vida, detectando diferenças individuais. O contexto era novo e era também introduzida uma figura desconhecida, existindo duas separações e conseqüentes reuniões relativas à figura de vinculação, procurando-se, desta forma, criar uma experiência geradora de níveis moderados de ansiedade, activando o sistema de vinculação. A partir da análise das diferenças individuais na organização comportamental da vinculação de bebés face às figuras significativas e meio circundante, foram identificados três padrões distintos de interacção: grupo A – crianças ansiosas-evitantes, grupo B - seguras e grupo C – crianças ansiosas-ambivalentes (Ainsworth *et al.*, 1978). A cada um destes padrões corresponde características específicas³. Posteriormente, Main e Solomon (1986) identificaram um quarto padrão – o desorganizado/desorientado (grupo D).

Pode-se constatar que o estudo das relações de vinculação aos pais é robusto (sobretudo na infância), visto que normalmente são os pais (particularmente as mães) as figuras primárias de vinculação na infância. Relativamente ao papel da vinculação às figuras paternas em idades posteriores à infância, a robustez empírica diminuiu apesar de existirem investigações acerca das relações entre vinculação aos pais, vinculação ao par e ao par amoroso, com observações interessantes em relação ao género dos pais e dos adolescentes, bem como aos efeitos da vinculação com cada figura parental na relação amorosa de diferentes sexos (Matos, 2002).

³ Não cabendo no âmbito da redacção desta tese a descrição exaustiva do procedimento laboratorial nem das características de cada grupo.

De facto, a adolescência é uma fase desenvolvimental onde ocorre múltiplas mudanças, representando um período de transição entre a vinculação da infância (com as figuras parentais) e a vinculação adulta (com figuras exteriores ao contexto familiar). Neste período verifica-se a procura de um relacionamento mais significativo com os pares e uma relação amorosa com um companheiro. A vinculação na adolescência tem de ser encarada como uma fase de transição com as experiências de vinculação na infância. Não se trata da substituição dos pais por outras figuras, mas sim uma “*progressiva transformação de uma relação complementar numa relação de reciprocidade*” (Matos & Costa, 1996). Neste período de vida, a autonomia e a vinculação são dois processos dialecticamente complementares e interdependentes. O processo de desenvolvimento psicológico em direcção à autonomia não implica uma desvinculação relativamente à família, mas sim, é optimizado no contexto de proximidade emocional e de segurança transmitidas pela família (Grotevant & Cooper, 1985; Soares & Campos, 1988; Youniss & Smollar, 1985; Weiss, 1982). Quanto mais seguro o jovem se sentir no seio da família, mais se envolve com confiança na construção de uma identidade separada desta, com maior capacidade de integrar as experiências emocionais dentro e fora da família.

Os jovens vivem uma dualidade relacional com os pais, por um lado, continuam a procurar o seu apoio e desejam que o investimento e a disponibilidade emocional dos pais se mantenha, e por outro, pretendem libertar-se da sua vigilância, tornando-se autónomos e independentes. As alterações no contexto possibilitam também reorganizações, por exemplo, as mudanças que ocorrem na adolescência com a transição do Ensino Secundário para o Superior (Weiss, 1994). Quando o indivíduo vai para o Ensino Superior, encontrar-se-á num meio desconhecido, que é, simultaneamente, fonte de curiosidade, estimulando o seu sistema de exploração, e de ansiedade, activando o sistema de vinculação (Kenny & Rice, 1995, *In* Matos & Costa, 1996). Estes momentos são particularmente desafiantes na vida dos jovens, constituindo oportunidades para estes testarem as representações que têm acerca de si próprios e dos outros significativos, contribuindo para a consolidação de esquemas mentais em desenvolvimento ou para a sua transformação (Matos & Costa, 1996).

Nota-se que ao longo do desenvolvimento, a organização hierárquica das figuras de vinculação tende a sofrer alterações; a partir da adolescência existe uma transferência das funções de vinculação dos pais para os pares, embora se considere que geralmente, os laços desenvolvidos na infância persistam ao longo do ciclo de vida. Contudo, as ligações das crianças com os pais são de complementaridade ou assimetria, enquanto que as relações com os pares nos jovens e adultos tendem a ser de reciprocidade ou simetria, sendo esperado que os sujeitos tenham um estatuto semelhante e a possibilidade de um igual exercício de poder.

Sendo que ambos os elementos da díade têm um duplo papel: de receptores dos cuidados do outro e prestadores de cuidados ao outro (Matos, 2002). A emergência de um sentimento de autonomia em relação aos pais é sentida no início da vida adulta; no entanto este processo começou na infância e desenvolveu-se ao longo da adolescência. Quando um nível óptimo de autonomia é atingido entre o indivíduo e os pais, isso não implica a cessação do vínculo estabelecido com as figuras parentais. Um indivíduo pode encontrar uma nova figura de vinculação resultante da ligação estabelecida, por exemplo, com o par amoroso, o que não significa que a vinculação aos pais tenha desaparecido, sendo que a maioria dos adultos continua significativamente ligado às suas figuras parentais, mesmo quando estes já não têm um papel tão influente na sua vida. Em consonância com teoria de Bowlby (1969/91) que advoga a existência de uma relação entre a qualidade das experiências precoces no relacionamento com os pais e a capacidade para estabelecer laços emocionais em fases desenvolvimentais posteriores, investigadores têm explorado e defendido a estabilidade e a continuidade dos estilos de vinculação na infância ao longo do ciclo de vida, com um papel fulcral nas relações parentais e no relacionamento amoroso (Hazan & Shaver, 1987). Nos últimos anos começou a colocar-se em prática a necessidade levantada por Bowlby, de investigar diferencialmente o papel que cada figura parental tem no desenvolvimento dos filhos(as) e a sua associação à qualidade das relações com os amigos e o par amoroso (Rocha, 2008).

Para Bowlby (1973), a necessidade de autonomia por parte dos jovens pode ser encarada como parte do sistema de exploração, tendo por objectivo minimizar o poder do sistema de vinculação, especialmente perante as figuras parentais. Na ausência da capacidade exploratória, as grandes tarefas sociais do adolescente e do jovem adulto, como o desenvolvimento de uma carreira profissional e o estabelecimento de uma relação amorosa duradoura, tornavam-se difíceis de concretizar. A analogia entre a exploração e a *base segura* na infância, também tem sentido na adolescência, porque “*adolescents can explore (emotionally) the possibility of living independently from parents, in part because they can turn to parents in cases of real need*” (Allen & Land, 1999, p. 322).

Considerando a globalidade dos estudos, constata-se que quase todos os modelos conceptuais dos estilos de vinculação na idade jovem/adulta parecem encontrar uma associação entre estilos de vinculação e características das relações (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Collins & Read, 1990; Hazan & Shaver, 1987).

Hazan e Shaver (1987) consideraram o amor romântico como um processo de vinculação, sendo que o parceiro romântico preencherá as necessidades primárias de vinculação. Nas relações românticas na adolescência e na idade adulta, o estilo interpessoal emerge tendo em

conta o estilo de vinculação desenvolvido na infância. Colocaram como hipóteses o facto de à semelhança dos comportamentos de vinculação na criança, que pretendiam promover a proximidade à figura da vinculação e a segurança, também no adulto existirem comportamentos (e representações) dirigidas ao companheiro amoroso, procurando e mantendo a proximidade física e emocional, que contribuiriam para o desenvolvimento e consolidação da vinculação e promoveriam um sentimento de segurança interna. Outra hipótese seria que o modo de experienciar o processo amoroso seria variável de acordo com as histórias de vinculação ocorridas nas interações entre os pais e os filhos na infância, sendo que as diferenças nos estilos de vinculação da infância poderiam determinar as particularidades dos estilos de vinculação amorosa do adulto, através dos *modelos internos dinâmicos*, supostamente contínuos ao longo do ciclo de vida (Matos, 2002).

Os autores tiveram em conta os estilos de vinculação propostos por Ainsworth e colaboradores (1978), evidenciando que a distribuição pelas três categorias é semelhante à realizada na infância. Os indivíduos com vinculação segura, consideram fácil estar próximo dos outros, não se preocupam em ser abandonados ou que alguém esteja emocionalmente perto destes; os sujeitos com vinculação evitante sentem-se desconfortáveis em estar perto dos outros, consideram difícil dependerem dos outros e, ficam preocupados quando os outros se aproximam demasiado destes; enquanto as pessoas com vinculação ansiosa-ambivalente consideram os outros relutantes a estarem tão próximos como eles gostariam, muitas vezes preocupam-se com o facto do par romântico já não gostar deles, e querem estar extremamente perto destes. Assim, cada estilo de vinculação apresentará uma lógica interna, podendo ser reconstruída no contexto da história desenvolvimental dos sujeitos. Se a vinculação segura será o processo normativo de desenvolvimento da vinculação, que decorreu numa família consistentemente responsiva, as estratégias evitantes parecem ter sido aprendidas como respostas a contextos familiares não responsivos, enquanto as ansiosas-ambivalentes apareceram em contextos familiares inconsistentemente responsivos (Matos, 2002).

Bartholomew (1990, Bartholomew & Horowitz, 1991) propôs um modelo bidimensional de avaliação da vinculação no adulto, remetendo-se para uma abordagem prototípica de avaliação da vinculação na juventude e idade adulta, procurando conciliar abordagens categoriais e dimensionais das linhas de investigação anteriores. Uma abordagem prototípica considera que a identificação do indivíduo com um determinado protótipo de vinculação corresponde a uma aproximação a um ideal teórico, definido pelo cruzamento de duas dimensões - os modelos de si próprio e do outro. Assim, apesar de se considerarem padrões distintos de vinculação, cada indivíduo poderá caracterizar-se por elementos de vários padrões, pois é pouco provável que um indivíduo corresponda inteiramente a um único

padrão, e que relativamente a cada padrão não haja variabilidade interindividual (Bartholomew, 1990). O modelo bidimensional de avaliação da vinculação organiza-se tendo em conta a positividade e a negatividade de duas dimensões: o modelo de si próprio e o modelo do outro, que representam expectativas gerais acerca do valor do *self* e da acessibilidade e disponibilidade dos outros. Da intersecção entre as duas dimensões resultam quatro padrões de vinculação – *Seguro, Preocupado, Desinvestido e Amedrontado* - conceptualizados enquanto estratégias prototípicas de regulação emocional e de comportamento interpessoal em situações de proximidade afectiva.

Bartholomew (1990) considera que as condições familiares poderão contribuir para diferentes organizações prototípicas, bem como experiências ocorridas com os pares e noutros contextos ao longo do ciclo de vida. Tentando compreender as razões do evitamento no adulto, Bartholomew (1990) analisa os comportamentos de evitamento das crianças na *Situação Estranha*. Considerando que estas crianças apresentam necessidades de vinculação, sendo o seu comportamento evitante, uma resposta adaptativa a condições relacionais complicadas. Sendo que as suas interpretações do comportamento de evitamento remetem-se para a necessidade de proximidade e vinculação da criança à figura cuidadora, o que é paradoxal. A criança não será evitante, literalmente, no sentido de que não deseja ou não sente necessidade de proximidade física e emocional, é evitante porque não arrisca nas interacções comportamentais que lhe poderão fazer prever uma forte probabilidade de diminuição (ou perda) da proximidade da figura de vinculação. Portanto, a estratégia que a criança assume permite-lhe manter a proximidade suficiente para assegurar a protecção.

Mais recentemente, Fraley, Brennan & Clark (1998) consideram duas dimensões: o evitamento e a ansiedade que definem quatro estilos de vinculação, correspondendo a cada um determinadas características específicas. Sendo que os sujeitos com um estilo de vinculação seguro apresentam resultados baixos em evitamento e ansiedade; os indivíduos com um estilo amedrontado apresentam resultados elevados tanto no evitamento como na ansiedade; as pessoas com um estilo preocupado tiveram resultados elevados na ansiedade e baixos no evitamento, e os desinvestidos apresentaram resultados altos no evitamento e baixos na ansiedade. Os autores, tendo em conta estas duas dimensões desenvolveram a sua escala *Experiences in Close Relationships - Revised (ECR-R* - Brennan, Clark & Shaver, 1998; Fraley, Waller & Brennan, 2000).

Concluindo, são vários os constructos analisados pela Teoria da Vinculação (Ainsworth, 1989; Bartholomew & Hortowitz, 1991; Bowlby, 1991; Brennan, Clark & Shaver, 1998; Fraley, Waller & Brennan, 2000; Hazan & Shaver, 1990), reportando-se ao processo de individuação na adolescência, às dinâmicas das relações amorosas e ao desenvolvimento

vocacional. A natureza e a qualidade das relações emocionalmente significativas que ocorrem nos primeiros anos de vida são importantes para a organização da vinculação em jovens e adultos, não sendo exclusiva desta faixa etária, por se tratar de um processo contínuo ao longo do ciclo de vida e nos vários contextos em que o indivíduo se relaciona, como família, grupo de amigos, relações românticas, escola/universidade. Assim, as experiências de vinculação dentro e fora do contexto familiar e a forma como o sujeito se relaciona com o mundo na vida adulta são importantes, porque criam oportunidades para reorganizações pessoais, que possibilitam o distanciamento e/ou integração das experiências afectivas precoces (Ainsworth, 1991; Matos & Costa, 1996).

Capítulo II

O Desenvolvimento Vocacional

II - O Desenvolvimento Vocacional

O conceito de desenvolvimento vocacional pode ser definido, globalmente, como a direcção e o sentido que cada indivíduo confere à sua trajectória de vida no que concerne ao mundo da formação e do trabalho.

Como ocorre nos restantes domínios, também no âmbito do desenvolvimento vocacional não existe “a teoria”, mas diversas teorias, que variaram ao longo da história da Psicologia Vocacional em múltiplas orientações conceptuais e metodológicas. No decorrer do tempo, verificou-se um alargamento das *perspectivas comportamentalistas, lineares, racionalistas e cognitivistas*, para perspectivas mais complexas que abordam o sujeito holístico, considerando o seu desenvolvimento e o seu contexto de uma forma mais ampla e completa (Campos, 1992). A perspectiva conceptual contextualista/ecológica do desenvolvimento postula que os projectos humanos não se realizam no vazio, mas no contexto de acções e relações mais próximas e alargadas, mais ou menos significativas, que os sujeitos, em desenvolvimento, fazem parte integrante através de papéis, actividades e relações, influenciando e sendo influenciados reciprocamente pelos seus subsistemas relacionais (Bronfenbrenner, 1986).

Os contributos que outras perspectivas teóricas proporcionaram à investigação para a compreensão e transformação da realidade vocacional têm de ser reconhecidas. Contudo, a perspectiva construtivista, ecológica e desenvolvimentista emerge como a proposta mais vantajosa e integradora, ao considerar que os projectos vocacionais não se descobrem, mas se constroem, nos contornos das oportunidades que os contextos histórico-sociais viabilizam ou impossibilitam. Dentro deste quadro geral histórico/construtivista, o desenvolvimento vocacional processa-se ao longo da história de vida do indivíduo, através das relações que o sujeito psicológico estabelece com os segmentos diversificados da realidade, sob forma de encontros, experiências, contactos, questionamentos e significados, implicando a desconstrução de projectos anteriores e a reconstrução de novos investimentos (Coimbra, Campos & Imaginário, 1994).

O desenvolvimento vocacional ocorre dentro de múltiplos contextos, apresentando-se a família como o primeiro e o mais significativo com incidências determinantes nas trajectórias vocacionais das gerações mais novas. Onde se aprende os saberes, os afectos e as experiências mais estruturantes e organizadoras que serão a matriz de significados das relações que irão estabelecer consigo próprio e com os outros e onde, fundamentalmente, acontece a preparação dos variados papéis da existência que garantirão a integração psicossocial do sujeito, transformando-o, em graus variáveis, em protagonista da sua própria história construída na relação dialógica com os outros (Gonçalves & Coimbra, 2003). O contexto familiar,

principalmente, os pais como figuras significativas, influencia as trajetórias vocacionais dos adolescentes e jovens, contribuindo decisivamente para a construção dos projectos dos seus filhos. A partir do conceito de desenvolvimento vocacional existe um consenso de que a escolha vocacional não é um acontecimento pontual circunscrito a uma etapa do desenvolvimento – a adolescência (como consideravam as abordagens mais tradicionais do desenvolvimento vocacional) – mas que reporta a uma tarefa que se vai construindo e reconstruindo ao longo do desenvolvimento, sendo a adolescência uma das etapas críticas desse processo de desenvolvimento (Savickas, 2002b). Apesar que é, particularmente, durante a adolescência que se realiza uma exploração do conceito do *self* na identidade vocacional, predizendo que esta fase seja acompanhada por tarefas do desenvolvimento vocacional (Savickas, 2002a, *In* Fouad, 2007).

Portanto, no caso dos adolescentes, como sujeitos em construção, estes vão configurando as suas trajetórias de vida, no curso do seu desenvolvimento, como resultado das relações significativas que vão estabelecendo com o mundo que os rodeia, principalmente com a família, escola e o contexto social de origem; sendo que da qualidade destas relações e das oportunidades que os contextos naturais de vida lhes proporcionam ou não, dependerá a sua forma de situar-se face aos desafios do presente e do futuro (Campos, 1992). Ao nível pessoal, académico, social e vocacional pode considerar-se a transição do Ensino Secundário para o Superior como um dos acontecimentos mais desafiantes para os jovens, na medida em que estes têm de enfrentar tarefas complexas a todos estes níveis, o que envolve o investimento com objectivos preestabelecidos e eventualmente uma redefinição do projecto vocacional. O jovem vê-se confrontado com o impacto de um contexto novo, sendo que esse impacto vai depender das suas características pessoais (Azevedo, 2005). Ainda de acordo com esta autora, o ambiente de transição implica lidar com situações novas (nomeadamente o curso, as matérias, os professores, o grau de exigência, a integração num novo grupo de pares, entre outras), e muitas vezes o estudante não se mostra capaz de lidar com tantas novidades, até porque não foi preparado para tal. Assim, as características pessoais dos estudantes, os apoios disponibilizados pelos pais e pelas instituições do Ensino Secundário e Superior serão importantes para que o estudante consiga lidar com a situação de transição (Azevedo, 2005). Por isso, será fundamental intervir nos alunos em transição, no entanto o tipo de intervenção suscitou divergências nos investigadores. Enquanto uns se remetem para a informação, outros falam na orientação vocacional, na consulta psicologia e no apoio psicopedagógico (Abreu, 1996).

Sendo o desenvolvimento vocacional uma dimensão importante do desenvolvimento psicológico global, implicando a exploração do mundo da educação/formação, da qualificação

e da preparação para o trabalho, – tarefas imprescindíveis para a realização pessoal e a integração psicossocial –, parece-nos importante clarificar o valor heurístico dos dois processos psicológicos responsáveis pela promoção do desenvolvimento vocacional: a exploração e o investimento (Gonçalves, 1997), pois, a partir destes dois processos, poderemos compreender e analisar a qualidade dos percursos vocacionais dos adolescentes e jovens.

A dimensão Exploração/Crise tem sido um conceito polémico e multifacetado, variando o seu significado de acordo com as diferentes teorias que o abordaram (Gonçalves, 1997). O constructo *crise*, originalmente, foi tematizado pela teoria psicossocial de Erikson (1968) como um processo psicológico fundamental do desenvolvimento humano, sendo integrado, posteriormente, com a designação de *exploração*, no modelos dos estatutos de identidade de Marcia (1966). De acordo com Costa (1990), a exploração reporta-se à predominância de “*um questionar forte e activo para tomar decisões e atingir determinados objectivos*”.

Super (1953) tematizou o desenvolvimento vocacional como uma sequência de estádios, sendo a exploração um dos estádios que antecede a entrada no mundo de trabalho, caracterizado pela procura de informação do mundo profissional e das formações. O desenvolvimento vocacional também foi encarado como um processo de tomada de decisão, sendo a exploração o estádio que antecedia essa tomada de decisão (Tiedeman & O’Hara, 1963, *In* Gonçalves, 1997). As primeiras concepções do desenvolvimento vocacional apresentam elementos comuns quanto ao conceito de exploração, como: 1) assumirem que a exploração tem um aparecimento tardio (não considerando que a exploração comece na infância ou no início da adolescência); 2) considerarem o desenvolvimento vocacional como um processo linear, não tendo em atenção os indivíduos que reformulam e reconstróem os seus projectos de vida, e 3) não têm em conta o desenvolvimento vocacional como um processo que ocorre ao longo do ciclo de vida (Grotevant & Cooper, 1988).

Progressivamente, a exploração vocacional deixa de ser considerada como um comportamento observável, instrumental, de procura de informação, ou uma fase do processo de tomada de decisão, para passar a designar um processo psicológico que ocorre ao longo do ciclo de vida. Assim, Super (1980) considerou que a exploração poderá ser um processo cíclico que ocorre ao longo da vida, referindo que a fase de exploração pode ocorrer na transição de um estádio para o seguinte, ou quando um caminho vocacional entra em questionamento e reconstrução. Neste sentido, Blustein (1993) considerou que a exploração vocacional engloba todas as actividades dirigidas intencionalmente para aumentar o autoconhecimento do indivíduo acerca de si próprio e do mundo com objectivos de promoção do desenvolvimento vocacional, que ocorre ao longo do ciclo de vida. Numa concepção

desenvolvimentista, a exploração vocacional tem sido encarada como um mecanismo de desenvolvimento vocacional e pessoal, que pode ocorrer ao longo de toda a vida, traduzindo um modo de relacionamento com o mundo (Taveira, 2000). Além disso, é de considerar que a exploração é influenciada pela motivação que o indivíduo apresenta, o que por sua vez, dependerá do nível de satisfação e da pressão percebida pelo sistema de oportunidades sociais de formação no sentido de tomar uma decisão (Pitz & Harren, *In* Gonçalves, 1997); sendo que quanto maior a exploração de oportunidades mais segura será a escolha de carreira; isto é, a exploração tende a apresentar alterações de acordo com vários factores, como a idade e o ano de escolaridade (Jepsen & Dickson, 2003, *In* Fouad, 2007); exemplificando, os alunos do primeiro ano do Ensino Superior já realizaram mais exploração do contexto e de si próprio do que os alunos do 12º ano de escolaridade.

As várias perspectivas teóricas da Psicologia Vocacional conceptualizaram a exploração como um processo psicológico fundamental no desenvolvimento vocacional. Contudo, algumas perspectivas de cariz racionalista centraram a exploração vocacional no fornecimento de estratégias de informação, como se a exploração de alternativas para a escolha se circunscrevesse ao conhecimento da estrutura de oportunidades de formação e profissões, introduzindo, simultaneamente, uma sequencialidade entre estes dois processos: primeiro explora-se a informação, depois investe-se. Estas perspectivas são predominantemente racionalistas considerando que a exploração surge como a etapa que precede o investimento, como se fossem dois momentos separados; por isso, se utiliza a expressão exploração *para o* investimento. Contudo, a exploração e o investimento são dimensões psicológicas do mesmo processo de desenvolvimento vocacional. Propondo-se em alternativa, a expressão “a exploração *do* investimento” porque no desenvolvimento vocacional o que interessa é “a transformação da relação actual do sujeito com o mundo vocacional; a procura, questionamento e experimentação que a exploração envolve são outra forma de exprimir essa mesma ideia de progressiva transformação dos investimentos actuais do sujeito” (Campos & Coimbra, 1991, p.14). A exploração e o investimento são processos psicológicos dialécticos do desenvolvimento em geral, permitindo aceder à mudança psicológica (Gonçalves, 1997).

Em suma, a evolução da concepção da exploração vocacional está marcada pela adopção progressiva de uma perspectiva processual, mais focalizada no modo como os indivíduos exploram (do que nos objectivos), tendo uma visão desenvolvimentista e um alargamento conceptual do conceito a todo o ciclo de vida, o que representa um objectivo importante da investigação e da intervenção psicológica vocacional, com impacto significativo na aprendizagem, adaptação e desenvolvimento humanos.

Quanto ao constructo Investimento remete-nos para uma dimensão com uma conotação afectivo-emocional que mobiliza o indivíduo para a acção, ou seja, é algo *energético* e *dinâmico* que leva o indivíduo a arriscar e comprometer-se consigo próprio na relação que constrói com o mundo (Gonçalves, 2006). Segundo Gottfredson (1981), o investimento é o equilíbrio entre o *self* e o mundo, ou seja, entre o projecto pessoal e o social, isto é, entre a aspiração pessoal e as possibilidades sociais que os indivíduos dispõem para a escolha podem existir discrepância, escolhendo-se a melhor das possibilidades disponíveis. Gottfredson (1981) postula que o investimento vocacional depende, principalmente, das dimensões da identidade de género, do prestígio social e do sentido de competência pessoal, questionando a forma clássica como se coloca o problema das escolhas vocacionais, centrada nos interesses, valores e aptidões. A autora sugere que esta trilogia não incorpora as dimensões centrais da auto-organização do indivíduo, sendo facilmente negociada e abandonada quando se pretende articular os projectos individuais com os projectos sociais (Gonçalves, 1997). Portanto, os interesses, valores e aptidões são sacrificados e abandonados, quando se escolhe uma profissão, às dimensões da identidade de género, do prestígio social e da competência pessoal, em virtude de se constituírem em dimensões relevantes do *self* social. Por isso, as mulheres tenderão a escolher profissões consideradas como femininas, abdicando do prestígio social e do sentido de competência, enquanto os homens tenderão a escolher profissões masculinas para preservar a sua identidade de género. Contudo, recentemente tem-se verificado que as jovens tendem a alargar as suas expectativas de carreira para além das conotadas como femininas, devido, particularmente, à mutação das práticas de socialização, que estimularão o aumento da exploração vocacional e à generalização social do trabalho da mulher (Young, 1994). Este comportamento terá sido influenciado pelo facto de as mães que exercem uma profissão e experienciam satisfação com o seu trabalho em profissões de médio ou elevado prestígio social influenciam as percepções dos papéis sexuais e as aspirações profissionais, principalmente nas filhas, sobretudo em relação às aspirações profissionais, relacionadas com as carreiras menos ligadas ao género, porque a mãe será uma fonte de modelagem (Schulenberg *et al.*, 1984). Contudo, os homens apresentam-se mais relutantes em abdicar da sua orientação para a carreira com uma conotação social mais masculina, o que está de acordo com as afirmações de Gottfredson (1981).

De acordo com Blustein, Ellis e Devenis (1989), o investimento vocacional é o resultado de um processo que precede as actividades de planeamento e exploração. O investimento refere-se “a um sentimento de vinculação forte a um conjunto de crenças, ideias e orientações futuras (...), ou seja uma firme ligação a um objectivo vocacional em termos de preferências profissionais”. Ainda se pode assemelhar a ideia de investimento à noção de

fidelidade de Erikson, o que significa ser capaz de fazer opções assumindo-as e orientando-as numa determinada direcção. Implicando factores internos (sínteses integradas das escolhas feitas) e factores externos (acções dirigidas para implementar essas escolhas). Escolhidas as alternativas, o investimento é a capacidade do indivíduo manter uma determinada direcção. Para se poder dizer que há investimentos, é preciso que exista uma influência directa destes na vida do indivíduo e uma preparação para o desempenho de papéis futuros de forma consistente, com objectivos e valores anteriormente definidos (Costa, 1990).

A construção da identidade manifesta-se num processo de realizar novos investimentos abdicando dos anteriores (Marcia, 1966). Os investimentos não sendo definitivos, são guias significativos da acção e a sua presença confere segurança interior, promove o conceito de si próprio e a auto-estima, imprimindo confiança nas escolhas feitas, que são características primordiais para a definição da identidade. Assim, os investimentos têm um significado social e individual, na medida em que *através dos meus investimentos eu conheço-me e dou-me a conhecer aos outros* (Bourne, 1978a, *In* Costa 1991). Contudo, numa perspectiva construtivista, não se abdica dos investimentos anteriores, mas explora-se a partir dos investimentos actuais para os transformar através da relação do indivíduo com o mundo (Campos & Coimbra, 1991). Novamente se salienta que não faz sentido separar a exploração e o investimento, que são os dois processos do desenvolvimento vocacional.

Os processos de exploração e investimento são activados pela relação que o sujeito vai construindo com o mundo que o rodeia. A família, é o contexto de vida mais próximo, por isso é da qualidade relacional deste contexto que dependerá, em parte, a qualidade do desenvolvimento vocacional. Os adolescentes e jovens, como sujeitos em desenvolvimento, vão configurando as suas trajectórias de vida, no contexto de relações significativas que vão estabelecendo com o mundo, principalmente com a família, com os pares, os professores na escola e no contexto social de origem.

Concluindo, a dimensão vocacional vai-se (re)construindo ao longo do ciclo de vida, mediante processos de exploração e investimento, pela progressiva diferenciação do adolescente em relação às figuras significativas, através da construção do seu percurso vocacional, considerando interesses, valores e objectivos de formação/profissão. A grandeza das expectativas do jovem relativamente ao seu projecto vocacional irá depender da qualidade de relação com os outros significativos (Blustein, Devenis & Kidney, 1989; Blustein *et al.*, 1991; Lopez *et al.*, 1992).

Capítulo III

Estudo Empírico: Metodologia, Objectivos, Hipóteses, Amostra e Instrumentos

III - Estudo Empírico: Metodologia, Objectivos, Hipóteses, Amostra e Instrumentos

Após a apresentação do enquadramento teórico de referência para a compreensão e conceptualização da problemática da vinculação no desenvolvimento vocacional nos adolescentes e jovens, delinerei, neste capítulo, o objecto e os objectivos de investigação, as questões em estudo e o procedimento da investigação: constituição e caracterização da amostra, definição das variáveis e selecção dos instrumentos de avaliação para as operacionalizar.

1. Objecto da investigação e sua fundamentação

O presente estudo tem como objecto primordial compreender a influência da vinculação a diferentes pessoas significativas (pai, mãe, par romântico e melhor amigo) no desenvolvimento vocacional. Considera-se a vinculação e o desenvolvimento vocacional numa perspectiva ao longo do ciclo de vida, ou seja como um processo que se desenvolve na infância e se mantém ao longo do percurso de vida do sujeito, podendo sofrer mudanças na organização ao longo da ontogénese. Os contextos de vinculação do jovem poderão contribuir para a manutenção de uma organização adquirida nos primeiros anos de vida, ou podem criar oportunidades de mudança nas representações mentais que o indivíduo possui de si próprio e dos outros, à medida que enfrenta novos desafios na relação com os outros e quando se confronta com determinadas circunstâncias de vida. Sendo a adolescência um período desenvolvimentista caracterizado por um progressivo alargamento das funções de vinculação ao par romântico e ao grupo de pares, os adolescentes vivem uma dualidade relacional com os pais, em que continuam a procurar o apoio emocional, mas também têm necessidade de uma maior autonomia e independência face a estes. O movimento em relação aos pares e ao par romântico não significa a substituição das figuras parentais por outras, mas antes uma *“progressiva transformação de uma relação complementar numa relação de reciprocidade”* (Matos & Costa, 1996, p.48).

Em relação ao desenvolvimento vocacional, sendo uma das dimensões do desenvolvimento humano, não se circunscreve a uma etapa do desenvolvimento, como a adolescência, mas refere-se a uma tarefa que se vai construindo e reconstruindo ao longo do ciclo vital, sendo a adolescência apenas uma das etapas desse processo (Savickas, 2002b). Contudo, parece inegável que a adolescência é um período importante na construção da identidade, pois, o desenvolvimento físico, cognitivo e social constituem-se como um todo,

imprimindo nos adolescentes uma dinâmica de desenvolvimento com vista à preparação para a idade adulta.

Os investigadores começaram a revelar interesse no papel que as relações de vinculação desempenham nas diversas dimensões do desenvolvimento humano. Assim, a pertinência que a teoria da vinculação pode ter para o desenvolvimento vocacional advém-lhe da conexão existente entre vinculação e exploração, pois postula que da qualidade da vinculação entre pais-filhos dependerá a promoção de comportamentos exploratórios e de autonomia ao longo do desenvolvimento (Ainsworth, 1989; Grotevant & Cooper, 1985, 1988; Youniss & Smollar, 1985). Assim, o desenvolvimento vocacional será uma das dimensões do desenvolvimento psicológico global, que ocorre simultaneamente, ao processo de construção da identidade, de acordo com mecanismos de individuação/autonomia/diferenciação, sendo regulados pela qualidade das vinculações seguras construídas com as figuras significativas (Blustein *et al.*, 1989, 1991; Lopez *et al.*, 1992). Além disso, para aprendermos a ser competentes no mundo que nos rodeia temos de explorar. Mas explorar pode significar risco, ameaça, situações em que o sistema de vinculação é activado. O comportamento exploratório é optimizado pela percepção de uma *base segura* que funcione como incentivo à exploração e, simultaneamente de um *porto seguro* a quem recorrer. Vários estudos demonstraram a que satisfação numa determinada dimensão da vida é associada à satisfação de outra (Baruch, Barnett & Rivers, 1983; Lee & Kanungo, 1984, *In Hazan & Shaver*, 1990).

Bowlby (1969) e Ainsworth e colaboradores (1978) conceberam os sistemas de vinculação e de exploração como complementares, considerando que a exploração de novos estímulos tende a ocorrer quando a figura de vinculação está acessível, verificando-se um decréscimo na activação do sistema de vinculação e um aumento na activação do sistema exploratório. As funções do sistema exploratório podem ser representadas como possibilitando ao indivíduo a construção do conhecimento sobre o mundo, o *self* e os outros e dos diferentes contextos que o rodeiam. Na exploração do novo e do diverso, o *self* desenvolve competências relacionais ao nível afectivo e instrumental, aprendendo a ser competente na interacção com o mundo (Cassidy, 1999, *In Soares*, I., 2007).

No nosso país, os estudos a relacionar os conceitos vinculação e o desenvolvimento vocacional são reduzidos, sendo que os que existem têm demonstrado resultados inconsistentes, o que poderá estar relacionado com o facto de se utilizarem instrumentos distintos. Contudo, apesar das inconsistências, a vinculação e o desenvolvimento vocacional não são conceitos antagónicos, antes pelo contrário uma vez que uma vinculação segura às figuras parentais, bem como aos pares, é relevante e decisiva para a promoção das escolhas vocacionais. Por isso, este trabalho pretende ser um contributo para a compreensão de como a

vinculação a diferentes figuras significativas poderá influenciar o desenvolvimento vocacional dos adolescentes e jovens, através da utilização de uma metodologia quantitativa, com uma amostra de 364 adolescentes e jovens.

2. Objectivos gerais e específicos da investigação

Esta investigação visa, como objectivo geral, analisar e compreender as associações entre a qualidade da vinculação dos adolescentes e jovens, na passagem do Ensino Secundário para o Ensino Superior, relativamente aos pais, par romântico e melhor amigo e o desenvolvimento vocacional, tendo em conta experiências de exploração e investimento vocacional.

Como objectivos específicos desta investigação destacam-se:

1. Analisar e compreender as diferenças e semelhanças na vinculação dos jovens ao pai, mãe, par romântico e melhor amigo;
2. Compreender como as diversas dimensões da vinculação podem proporcionar ou inibir oportunidades de exploração e investimento;
3. Compreender como se relacionam as dimensões da vinculação às diversas figuras com o processo de desenvolvimento vocacional; isto é, como as dimensões da vinculação diferentes acciona ou inibe oportunidades de exploração e investimentos vocacionais;
4. Identificar e analisar diferenças e relações entre as variáveis denominadas anteriormente e as variáveis sociodemográficas: género, nível de escolaridade e nível socioeconómico.

3. Hipóteses de investigação

1. *Espera-se encontrar uma relação entre a vinculação segura e um maior envolvimento em actividades de exploração e investimento vocacional.*

Denota-se que a vinculação segura com outros significativos promove a exploração do *self* e do mundo das formações e das profissões, através da relação segura estabelecida com o mundo físico e social. A percepção de vinculação segura pode ser preditiva do desenvolvimento vocacional, em relação à exploração e ao investimento. Os indivíduos com vinculação segura têm condições para progredir e reformular os seus investimentos através de novas explorações (Blustein, Prezioso & Schultheiss 1995). Outros autores mencionaram que a vinculação segura aos significativos estava correlacionada positivamente com a exploração vocacional, na medida em que quanto mais seguro o jovem se sentia no seio da sua família, tanto mais se envolvia na exploração e resolução adaptativa de tarefas desenvolvimentais,

nomeadamente, as tarefas referentes ao desenvolvimento vocacional (Felsman & Blustein, 1999; Ketterson & Blustein, 1997; Schultheiss e colaboradores, 2001). Alguns estudos têm revelado que a vinculação aos pais parece associar-se com a exploração e o investimento vocacional (Blustein *et al.*, 1991, 1995; Ryan *et al.*, 1996), sublinhando que da qualidade da vinculação entre pais-filhos dependerá a promoção de comportamentos exploratórios e de autonomia ao longo do desenvolvimento (Ainsworth, 1989; Grotevant & Cooper, 1985, 1988; Youniss & Smollar, 1985). De acordo com Hartup (1979, *In* Gonçalves, 1997), a segurança das relações familiares promove competências de autonomia nos filhos, envolvendo-os na exploração do mundo exterior à família, na relação com os pares e nas escolhas vocacionais. O estudo realizado por Blustein e colaboradores (1991) revelou que uma vinculação segura que garanta a separação psicológica das figuras parentais, está positivamente relacionada com comportamentos de exploração vocacional e inversamente correlacionada com uma tendência para assumir projectos vocacionais outorgados aos outros significativos. Os sujeitos que experienciavam um sentimento de autonomia em relação às figuras significativas manifestavam maior segurança na exploração da realidade e estavam mais disponíveis para realizarem escolhas vocacionais mais consistentes e com percursos formativos mais longos e exigentes.

Considerando Blustein *et al.* (1995), a influência da qualidade das relações de vinculação na exploração vocacional tem em conta que: 1) a experiência do *self* seguro, que é característica dos sujeitos com uma relação de vinculação segura com os outros significativos, promove a exploração do *self* e do mundo das formações/profissões, através da relação segura que o sujeito estabelece com o mundo físico e social; 2) Os indivíduos com vinculação segura têm condições para progredir na carreira e reformular os investimentos através de novas explorações; 3) As pessoas com uma vinculação segura demonstram níveis elevados de mestria no desempenho profissional, satisfação nos investimentos e boas relações com os colegas; e, por fim 4) Os indivíduos com uma vinculação segura experienciam uma maior capacidade de adaptação ao contexto profissional.

2. Espera-se encontrar nas raparigas uma vinculação segura e ansiosa para as figuras significativas, enquanto que nos rapazes uma vinculação ansiosa e evitante com as figuras significativas.

De acordo com Matos (2002), nos rapazes a vinculação à mãe tende a ser mais preocupada (elevada ansiedade e baixo evitamento – vinculação ansiosa) e a vinculação ao pai tende a ser mais desinvestida (baixa ansiedade e elevado evitamento – vinculação evitante). As raparigas tendem a ter uma vinculação mais preocupada, tendo valores mais elevados de

ansiedade de separação relativamente a ambas as figuras e valores inferiores de autonomia na relação com a mãe. Ainda segundo a mesma autora, ambos os sexos obtêm valores mais elevados de procura de proximidade e apoio na relação com a mãe.

3. *Espera-se que os adolescentes com relações seguras com os pais se sintam mais confiantes nas relações com os pares, particularmente com o par romântico, através de uma vinculação que promova a segurança relacional e a intimidade.*

Quanto mais seguro o jovem se sentir no seio da sua família, mais se envolve e movimenta na relação com os pares, sendo mais capaz de integrar as experiências emocionais ocorridas na família e fora dela (Matos & Costa, 1996). Poder-se-á constatar que o adolescente procura sair das relações de vinculação com os pais, transferindo as suas relações de vinculação primárias para as relações amorosas, buscando uma maior autonomia. Como referem as autoras: “a partir da adolescência é esperado que os sujeitos se confrontem com uma série de tarefas psicológicas, que desafiam as suas capacidades para a descentração cognitiva e a tomada de perspectiva social, para a diferenciação e a integração psicológicas, com vista à aquisição de uma maior autonomia e simultaneamente à construção de relações de intimidade” (Matos & Costa, 1996). Contudo, mesmo quando jovens adultos, a maioria continua a nomear os pais como figuras de vinculação (Fraley & Davis, 1997), sendo que a família continua a ser um contexto de proximidade emocional e de segurança (Grotevant & Cooper, 1985; Lopez, 1995; Matos & Costa, 1996; Weiss, 1982; Youniss & Smollar, 1985). Também de acordo com Matos (2002), os jovens com vinculações seguras às figuras parentais relacionam-se de um modo mais seguro com o companheiro amoroso, apresentando representações mais favoráveis acerca de si próprio e dos outros, e níveis inferiores de dependência, ambivalência e evitamento. Extrapolando esta conclusão retirada para o par romântico também para o par significativo ou melhor amigo.

Nas relações com os pais na infância são visíveis os funcionamentos de *Porto seguro* e *Base Segura* (unidireccionais) e de *Procura de proximidade* e *Protesto de Separação* (bidireccionais), enquanto no início da adolescência começam a ter maior importância os pares para a *Procura de proximidade*, procurando e prestando apoio (*Porto seguro*), começando a surgir comportamentos de *Protesto de separação*, dando origem à internalização e representação da díade como *Base segura* (Rocha, M., 2008).

4. *Espera-se que os alunos do 12º ano apresentem níveis mais elevados de comportamentos de exploração vocacional do que os do 1º ano do ensino superior, dos quais se espera um maior investimento vocacional, embora não se excluam momentos de exploração.*

Tendo em conta que os alunos do 12º ano se encontram num momento marcado por fortes questionamentos impostos pelo Sistema Educativo Português, porque estão a concluir o Secundário, é esperado que accionem comportamentos de exploração para escolherem um curso superior ou optem por abandonar os estudos e entrarem no mundo do trabalho. Enquanto que os alunos do 1º ano do Ensino Superior supõe-se que tenham realizado actividades de exploração anteriormente, realizando um investimento vocacional no curso escolhido. Sendo que o 1º ano envolve, simultaneamente, o investimento com objectivos pré-estabelecidos ou eventualmente uma redefinição do projecto vocacional (Almeida & Freire, 2003). De acordo com Jepsen & Dickson (2003, *In Fouad, 2007*), a exploração tende a apresentar alterações de acordo com vários factores, como por exemplo, o ano de escolaridade, os alunos do décimo segundo ano realizam maior exploração do contexto e de si próprios enquanto os do 1º ano do Ensino Superior já teriam realizado esta exploração.

5. *Espera-se encontrar diferenças quanto ao género, ao nível de exploração e investimento vocacionais, com tendência a que as raparigas tenham mais momentos de exploração e realizem investimentos mais seguros, enquanto os rapazes realizem mais investimentos sem exploração, ou não explorem nem façam investimentos.*

De acordo com Schulenberg, Vondracek e Crouter (1984) as práticas educativas no contexto da família, penalizavam e reduziam as oportunidades de exploração e investimento vocacional às raparigas relativamente aos rapazes. Contudo, mais recentemente verificou-se que as diferenças tendem a diluir-se, devido ao progressivo esbatimento dos papéis femininos e masculinos. Sendo os principais indicadores desta transformação: a mudança progressiva das práticas de socialização e a generalização social do trabalho da mulher (Young, 1994); o maior acesso das mulheres a profissões prestigiadas socialmente; e uma maior representação das mulheres em formações de nível mais avançado. Benson, Harris e Rogers (1992), encontraram resultados onde salientaram a importância dos laços com as figuras parentais, sendo que as raparigas que tinham vinculações fortes com a mãe realizavam um maior número de investimentos com exploração em comparação com os rapazes.

6. *Espera-se encontrar diferenças quanto ao nível socioeconómico e cultural, relativamente ao nível de exploração e investimento vocacionais; ou seja os pais de nível socioeconómico e*

cultural médio e médio alto garantem maior apoio no processo de construção dos projectos vocacionais dos seus filhos, do que os provenientes de contextos socioeconómicos e culturais mais baixos e mais elevados em que tendem a reproduzir o estilo de vida do contexto.

O estatuto socioeconómico e cultural da família, representado, sobretudo, pelos níveis de educação e qualificação profissional dos pais, é importante na construção e planeamento dos projectos vocacionais dos filhos, apresentando-se como um indicador preditivo do sucesso profissional, influenciando as expectativas de formação/profissão dos jovens (O'Brien, Friedman, Tripton & Linn, 2000). O estudo realizado por Gonçalves (1997) numa amostra de adolescentes e jovens portugueses, verificou uma tendência para confirmar diferenças em relação ao nível socioeconómico de pertença. Os sujeitos provenientes de um nível socioeconómico médio são mais autónomos e têm expectativas mais elevadas no domínio das escolhas vocacionais. Contudo, os sujeitos de níveis socioculturais e económicos elevados e baixos predominam a convencionalidade e a conformidade ligada à reprodução do estilo de vida da origem socioeconómica. Nem todos os adolescentes e jovens portugueses têm as mesmas oportunidades sociais de formação, estas oportunidades serão influenciadas pelo facto de se ter nascido num determinado contexto socioeconómico e cultural (NSEC) (Gonçalves, 1997). Assim, os adolescentes e jovens de NSEC baixo terão projectos menos configurados, menos ambiciosos, menos longos em termos de identificação, por isso, menos qualificados, do que os de níveis socioeconómicos médio e médio/alto. Assim, a cultura partilhada no contexto escolar não parece contribuir, de forma significativa, para a diminuição das diferenças, mas para a perpetuação das desigualdades sociais (Gonçalves, 2003). Os pais tendem a transmitir aos filhos valorizações da realidade do mundo do trabalho, isto é, as dimensões que eles próprios consideram importantes e nucleares para o sucesso profissional. Por exemplo, os pais de níveis socioeconómicos e culturais mais elevados, onde o sucesso profissional depende da capacidade de autodirecção e chefia, valorizam muito mais a autonomia dos filhos e proporcionam experiências exploratórias que vão no sentido da competitividade, da independência, da auto-suficiência e da assertividade. Além disso, os jovens provenientes de níveis socioeconómico e cultural médio e médio alto revelam um maior grau de autonomia em relação aos seus contextos familiares, permitindo-lhes oportunidades de exploração vocacional, por isso, manifestam expectativas elevadas relativamente à construção de projectos de formação e de profissão. Estas mensagens são transmitidas implícita ou explicitamente no contexto familiar e coexistem com os dispositivos necessários, em termos de apoios afectivos e instrumentais, para garantirem projectos de formação e de profissão que possam proporcionar o sucesso e a ascendência pessoal e familiar (Gonçalves, 1997; 2006). Pelo contrário, os pais de níveis socioeconómicos e culturais mais

desfavorecidos, onde o sucesso profissional depende da conformidade à autoridade, tendem a valorizar mais as atitudes de obediência/subserviência na educação dos seus filhos, reduzindo assim as oportunidades de exploração vocacional e as suas expectativas de formação e sucesso profissional (Gonçalves, 1997). Portanto, os sujeitos de níveis socioeconómicos e culturais médio baixo e baixo tem expectativas reduzidas relativamente ao seu projecto de vida (formação, profissão), porque as mensagens veiculadas na sua família de origem e nos seus contextos de vida mais próximos vão no sentido da reprodução e perpetuação dos *défices* do grupo social de pertença, porque os constrangimentos económicos e sociais os empurram inevitavelmente para a primeira oportunidade de trabalho e pelo abandono precoce do sistema de formação (Gonçalves, 1997; 2006).

4. Metodologia de Observação

Uma vez definidos os objectivos do presente estudo, apresentadas e fundamentadas as hipóteses, procura-se neste ponto enunciar as variáveis, a selecção dos instrumentos para as operacionalizar, o plano de observação, a caracterização da amostra e a reformulação e validação dos instrumentos à população de adolescentes e jovens, verificando as suas qualidades psicométricas.

4.1. Variáveis e plano de observação

Os constructos em estudo, várias vezes referenciados ao longo deste trabalho, designam-se por padrões de vinculação em relação ao pai, mãe, par romântico e melhor amigo, bem como o desenvolvimento vocacional, tendo em conta a ausência ou presença de exploração e investimento, constructos fundamentais do desenvolvimento vocacional. Tais elementos decompõem-se em variáveis ou indicadores de análise.

Os padrões de vinculação foram avaliados recorrendo à escala *Experiences in Close Relationships – Revised (ECR-R)*; Fraley, Waller & Brennan, 2000; Martins & Coimbra, 2006), que operacionaliza dois factores – *evitamento* e *ansiedade*, tendo em conta quatro figuras de vinculação – figura paterna, materna, par romântico e melhor amigo.

No que concerne ao desenvolvimento vocacional, este foi avaliado recorrendo ao Inventário do Desenvolvimento Vocacional de Estudantes (*Students Career Concerns Inventory – SCCI* – Savickas, 2002a; Gonçalves & Coimbra, 2006) que avalia as dimensões da *convicção vocacional*, da *cooperação vocacional*, da *exploração vocacional*, do *investimento vocacional* e da *confiança vocacional*.

No domínio do questionário sociodemográfico são recolhidos elementos a considerar no estudo, como variáveis independentes, designadamente, o género, o nível socioeconómico e

cultural (nível de escolaridade e profissão), o estado civil dos pais, o ano de escolaridade e o curso que frequenta. Quanto ao nível socioeconómico e cultural, este foi avaliado a partir do nível de escolaridade e profissão dos pais: o nível socioeconómico e cultural baixo (incluindo os sujeitos de baixa escolaridade e escolaridade obrigatória, desempregados de longa duração e profissionais indiferenciados); o nível médio (níveis de escolaridade até ao 12º ano, desempregados de curta duração e profissionais não especializados) e o nível alto (níveis de escolaridade mais elevados que incluem formação no ensino superior e profissionais especializados).

O momento de observação e a administração dos questionários foi realizado durante o ano de 2007, atingindo um total de 364 alunos. Os alunos do 1º ano do Ensino Superior frequentavam cinco Faculdades Públicas sendo que os alunos do 12º ano de escolaridade estudavam em quatro Escolas Públicas, localizadas na Região do Norte de Portugal. O contacto com as instituições de ensino realizou-se formalmente (envio de uma carta a explicar os objectivos, procedimentos e a requerer a colaboração de tais organismos), seguida da administração propriamente dita. A administração dos questionários foi realizada pela investigadora principal do estudo, nas instituições de ensino Superior em regime presencial, enquanto no Ensino Secundário foram administrados pelos técnicos das instituições (Directores de Turma e Técnicos dos Serviços de Psicologia e Orientação) por preferência destes, devido às características de algumas das instituições de ensino, demasiado burocratizadas, o que constituiu um constrangimento no estudo. Além desta dificuldade, também foi referenciado por vários participantes o facto de os questionários serem demasiado extensos e repetitivos - no caso da escala de vinculação utilizada - o que poderá influenciar o preenchimento dos mesmos (por exemplo, alguns sujeitos referiram que *a partir de certa altura estavam demasiado cansados, não lendo bem as questões*), situação que poderá influenciar os resultados alcançados, por isso a escala poderá, futuramente, beneficiar de alguns reajustamentos e aperfeiçoamentos.

4.2. Caracterização da Amostra

Quadro 1 - Caracterização da amostra dos alunos (N= 364)

IDADE									
Média 12º ano			Média 1º ano				Média Total		
17,83%			19,14%				18,31%		
GÉNERO (Total)									
Masculino					Feminino				
49,7%					50,3%				
ESCOLARIDADE									
12º ano					1º ano				
Masculino		Feminino			Masculino		Feminino		
49%		51%			51%		49%		
TIPO DE FAMÍLIA									
Intacta		Monoparental		Divórcio		Viuvez		União de Facto	
76,6%		9,6%		9,9%		3,3%		0,6%	
NÍVEL SOCIOECONÓMICO E CULTURAL									
Alto			Médio				Médio-Baixo/Baixo		
18,4%			38,7%				42,9%		
ESCOLARIDADE									
PAIS					MÃES				
1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	E.Sec	E.Sup	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	E.Sec	E.Sup
10,2%	27,5%	19,8%	23,1%	19,3%	11,0%	29,6%	15,7%	22,4%	21,3%
SITUAÇÃO DE TRABALHO									
PAIS					MÃES				
Empregado		Desempregado		Aposentado	Empregada		Desempregada		Aposentada
87,9%		6,2%		5,9%	76,7%		12,4%		11,0%

E. Sec= Ensino Secundário

E. Sup =Ensino Superior.

5. Instrumentos utilizados e suas qualidades psicométricas

5.1 Questionário Sociodemográfico

A utilização do questionário sociodemográfico (*cf.* Anexo 1) teve como objectivo facultar uma recolha de dados que permita caracterizar a amostra e averiguar a sua relação com a distribuição das variáveis principais do estudo. Assim, com este instrumento é possível aceder a dados de identificação sociodemográfica relativos aos sujeitos, como a idade, o género, o nível de escolaridade, o estado civil dos pais, o nível de escolaridade e a situação profissional dos mesmos, bem como o nível socioeconómico e cultural da família.

5.2. Instrumento *Experiences in Close Relationships - Revised* (ECR-R) (Fraley, Waller & Brennan, 2000; Martins & Coimbra, 2006) no estudo actual (*cf.* Anexo 2)

A escala *Experiences in Close Relationships* (ECR) (Brennan Clark & Shaver, 1998) baseia-se na concepção de que a vinculação adulta tem duas dimensões nucleares: a Ansiedade e o Evitamento e remetendo-se para o processo de individuação na adolescência, considerando principalmente o contributo das relações românticas. O questionário é

constituído por essas duas componentes: a *Ansiedade* e o *Evitamento* que, de acordo com os autores, correspondem, conceptualmente, às tipologias propostas por Ainsworth *et al.* (1978). A *Ansiedade* e o *Evitamento* juntos explicam 63% da variância, apresentando uma consistência interna (valor de alfa de Cronbach) para a *Ansiedade* de .91 e para o *Evitamento* de .94., através da utilização da análise de *clusters* (método hierárquico), tendo em conta as duas dimensões referidas e os resultados alcançados, confirmaram a constituição de quatro *clusters*, com potencial correspondência aos quatro estilos de vinculação definidos por Bartholomew e Horowitz (1991).

Posteriormente, Fraley, Waller e Brennan (2000) realizaram uma análise confirmatória do ECR, passando a designar-se por *Experiences in Close Relationships – Revised* (ECR-R), constituída por 36 itens (de um total de 323), com uma escala de Likert de 7 pontos, em que os sujeitos respondiam tendo em conta as suas concepções acerca das relações românticas. Nesta revisão do instrumento, os autores também encontraram os dois factores - *Ansiedade e Evitamento*. A consistência interna para a *Ansiedade* teve um valor idêntico ao alcançado pelo ECR, enquanto que para a dimensão *Evitamento* foi de .93, ou seja ligeiramente inferior à atingida pelo ECR. Em relação à variância explicada, o instrumento explica 39,5% da variância nos itens da sub-escala *Ansiedade* e explica 38,7% da variância nos itens da sub-escala *Evitamento*, ou seja ambos os valores da variância situam-se abaixo dos 50%. Contudo, os autores consideraram que os dois factores juntos explicam 78% da variância (o que é um valor superior ao alcançado pelo ECR=63%).

Na adaptação Portuguesa (Martins & Coimbra, 2006), os investigadores, além da relação romântica, também consideraram outras figuras importantes na vida dos jovens adultos – figura paterna, figura materna, par romântico e melhor amigo –, por isso as respostas efectuaram-se para as quatro figuras de vinculação. Os resultados podem ser considerados ao nível dimensional (por exemplo: baixos níveis de ansiedade e evitamento, altos níveis de ansiedade e evitamento, altos níveis de ansiedade e baixos níveis de evitamento, e baixos níveis de ansiedade e elevados níveis de evitamento) ou ao nível categorial (por exemplo, *Seguro, Amedrontado, Preocupado e Desinvestido*). A análise exploratória realizada⁴ identificou os dois factores distintos - *Ansiedade e Evitamento*.

O presente estudo foi realizado numa amostra de alunos do 12º ano e do 1º ano do Ensino Superior, a partir do instrumento anteriormente utilizado no nosso país (Martins & Coimbra, 2006), considerando as quatro figuras de vinculação. Os participantes posicionavam-se face a cada item numa escala de Likert de 1 (*não concordo nada*) a 6 (*concordo totalmente*) para evitar a resposta maioritária ao valor de tendência central (no estudo anterior era de 1 a 7).

⁴ Encontra-se ainda em fase de desenvolvimento.

Realizou-se a análise factorial exploratória, em componentes principais, com rotação variamax, tendo em conta os dois factores: ansiedade e evitamento, alcançando resultados totais de variância explicada para as quatro figuras ligeiramente acima dos 50. De seguida, realizou-se a análise de *clusters* (*K-Means e Simple Euclidian Distance*) para cada uma das quatro figuras de vinculação; contudo, os quatro estilos de vinculação não foram encontrados, registando-se uma forte discrepância na análise para todas as figuras.

Seguidamente, procedeu-se novamente à realização da análise factorial exploratória para a Figura Paterna (*cf. Anexo 4*), Materna (*cf. Anexo 5*), Par Romântico (*cf. Anexo 6*) e Melhor Amigo (*cf. Anexo 7*) encontrando-se três factores que correspondem ao nível dimensional (baixos/médios níveis de ansiedade e evitamento, altos níveis de ansiedade e baixos níveis de evitamento, e baixos níveis de ansiedade e elevados níveis de evitamento) e ao nível categorial (seguro, ansioso e evitante). No quadro 2 apresenta-se, a configuração da escala constituída por três factores, com os valores alfas de Cronbach de consistência interna e a respectiva variância explicada para cada uma das figuras significativas.

Quadro 2 – *Estrutura trifactorial da escala de ECR-R (Martins & Coimbra, 2006) e valores Alfa de Cronbach de consistência interna*

4 Figuras/ Componentes	Variância Explicada 07/08	Alfa de Cronbach 07/08	Número de Itens
Figura Paterna (Total)	52,15%	.88	29
Seguro		.79	8
Ansioso		.89	8
Evitante		.87	13
Figura Materna (Total)	50,66%	.90	29
Seguro		.81	8
Ansioso		.88	8
Evitante		.89	13
Parceiro Romântico (Total)	52,70%	.90	29
Seguro		.86	8
Ansioso		.91	8
Evitante		.89	13
Melhor Amigo (Total)	53,33%	.91	29
Seguro		.83	8
Ansioso		.90	8
Evitante		.90	13

A reorganização dos itens, em três factores, é coerente com o modelo categorial da vinculação de Ainsworth *et al.* (1978) e do modelo de vinculação dos adultos de Hazan & Shaver (1987) considerados pelos autores da escala original *ECR-R* (Brennan, Clark e Shaver, 1998; Fraley, Waller & Brennan, 2000). Assim, para as quatro figuras, cada factor é constituído pelos seguintes itens:

Factor I: Evitante (13 itens): 10,12,13,14, 15,16,18,19,21,23,24,25,32.

Factor II: Ansioso (8 itens): 1,2,3,4,5,6,7,8.

Factor III: Seguro (8 itens): 9,20,28,29,30,33,34,35.

A organização factorial exploratória encontrada no presente estudo da escala *ECR-R*, com jovens do 12º e do 1º ano do Ensino Superior, devido à consistência demonstrada, poderá garantir alguma estabilidade para avaliar os estilos de vinculação, seguro, ansioso e evitante, às quatro figuras significativas. Sublinhe-se que a escala *ECR-R* (Brennan, Clark e Shaver, 1998; Fraley, Waller & Brennan, 2000) foi utilizada neste estudo, com as devidas autorizações dos autores, num momento em que ainda decorre o processo de adaptação por Martins e Coimbra (2006). Espera-se que este estudo exploratório possa ser um contributo para este processo de desenvolvimento e adaptação da escala à população de jovens e adultos portugueses e para uma eventual confirmação do modelo conceptual subjacente ao instrumento, através da análise factorial confirmatória.

5.3. *Students Career Concerns Inventory* (SCCI) de Savickas (2002), traduzida e adaptada à população portuguesa por Gonçalves & Coimbra (2004):

Com o intuito de avaliar o desenvolvimento vocacional optou-se pela utilização deste inventário, em virtude de se constituir como um instrumento com potencialidades para avaliar as dimensões pretendidas nos adolescentes e jovens. De acordo com Savickas (2002a *In* Gonçalves, 2006), este instrumento visa produzir informação sobre o desenvolvimento vocacional, mas sobretudo identificar os processos que conduzem os jovens a questionar, reformular e transformar os seus percursos vocacionais, ao longo da vida, para conferir significados para a realidade vocacional.

O *Students Career Concerns Inventory* (SCCI) tem subjacente à sua construção a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1963; 1968), operacionalizada nos estatutos de identidade de Marcia (1966, 1986), que considera que o desenvolvimento se processa ao longo do ciclo vital pelo confronto do *self* com o mundo através de tarefas específicas em cada etapa do desenvolvimento (Gonçalves, 2006). Este inventário avalia os processos

psicológicos que estão subjacentes na resolução das tarefas vocacionais com os quais são confrontados os adolescentes e jovens, avaliando como se sentem preocupados e pressionados no processo de construção da sua identidade vocacional. O instrumento utilizado por Savickas (2002) é constituído por 45 itens que se organizam em seis dimensões: *Desenvolvimento da Confiança Vocacional*, de *Controlo Vocacional*, de *Convicções Vocacionais*, de *Competência Vocacional*, *Exploração do Self e das Profissões* e *Escolhas e Investimentos Vocacionais*.

Em Portugal, Gonçalves & Coimbra (2004) utilizaram o SCCI-P (*Students Career Concerns Inventory – versão portuguesa*) (cf. Anexo 3) para avaliar variáveis vocacionais, sendo que, neste estudo de adaptação, o instrumento é composto por 43 itens organizados em cinco sub-escalas: Subescala das *convicções vocacionais*, da *cooperação vocacional*, do *investimento vocacional*, da *exploração vocacional* e da *confiança vocacional*. Relativamente às qualidades psicométricas do SCCI-P são elevadas com um total de variância explicada a atingir os 58,88% e o total do alfa de Cronbach das diferentes subescalas a alcançar os .96.

No quadro 3, apresenta-se a estrutura factorial da SCCI-P (Gonçalves & Coimbra, 2004) encontrada neste estudo, bem como os valores alfas de Cronbach de consistência interna e a respectiva variância explicada, comparando-os com o estudo de adaptação da escala à população de adolescentes e jovens portugueses em 2004.

Quadro 3 - *Análise comparativa da estrutura factorial e dos valores Alfa de Cronbach de consistência interna da escala SCCI-P (Gonçalves & Coimbra, 2004) e estudo actual*

Componentes/ Dimensões	Nº de Itens Estudo 04	Nº de Itens Estudo 07/08	Alfa de Cronbach Estudo 04	Alfa de Cronbach Estudo 07/08
Convicções Vocacionais	15	8	.95,5	.88
Cooperação Vocacional	10	6	.91	.88
Investimento Vocacional	7	5	.90,5	.82
Exploração Vocacional	6	5	.81,7	.84
Confiança Vocacional	5	7	.82,5	.81
Totais	43	31	.97,6	.94
Variância Explicada			63%	58,4%

Comparando a escala do estudo actual (constituída por 31 itens) com a adaptação de 2004 (constituída por 43 itens) regista-se que foram eliminados doze itens (6,7,10,12,20,21,22,24,26,29,32,39), em virtude de se ter assumido como critério de saturação dos itens valores iguais ou superiores a .50 (no estudo de 2004 o critério adoptado foi = ou >.30). O critério adoptado teve como objectivo evitar a saturação simultânea em duas dimensões – diminuindo, deste modo, o valor discriminativo dos itens e tornar a escala mais económica. Neste estudo mantém-se a estrutura factorial (*cf.* Anexo 8) em coerência com o estudo da sua adaptação *SCCI-P* (Gonçalves & Coimbra, 2004) revelando, mais uma vez, valores elevados de alfa de consistência interna e de variância explicada. Apresenta-se, de seguida, a reorganização actual da escala:

Factor I: Cooperação Vocacional (6 itens): 2,3,4,5,11,13.

Factor II: Convicções Vocacionais (8 itens): 18,27,28,36,37,40,41,42.

Factor III: Confiança Vocacional (7 itens): 1,9,25,31,33,34,35.

Factor IV: Investimento Vocacional (5 itens): 8,16,17,19,23.

Factor V: Exploração Vocacional (5 itens): 14,15,30,38,43.

Capítulo IV – Apresentação e Discussão dos Resultados

Capítulo IV – Apresentação e Discussão dos Resultados

Neste capítulo pretende-se apresentar e reflectir acerca dos resultados deste estudo, cujos objectivos, hipóteses, instrumentos e procedimentos foram delineados anteriormente. Em primeiro lugar, apresenta-se o impacto das variáveis sociodemográficas, como o género, o ano de escolaridade, o nível socioeconómico em relação aos estilos de vinculação e ao desenvolvimento vocacional, avaliados pelas dimensões da escala *ECR-R* (Martins & Coimbra, 2006) e pelo *SCCI-P* (Gonçalves & Coimbra, 2004), respectivamente. Num segundo momento, apresenta-se as correlações e regressões realizadas para analisar a associação dos diferentes estilos de vinculação às diferentes figuras significativas e a sua influência no desenvolvimento vocacional.

1. Apresentação dos resultados tendo em conta o ano, género e o nível socioeconómico relativamente à escala *ECR-R*

Apresenta-se, no quadro 4, a síntese dos resultados das diferenças entre grupos: género, nível socioeconómico e cultural e ano de escolaridade relativamente aos padrões de vinculação às figuras significativas ao par amoroso e ao melhor amigo. Para verificar as diferenças relativamente ao nível socioeconómico e cultural recorreu-se à análise de variância (*One Way-ANOVA*) entre grupos e ao *T-Test* para verificar o impacto das variáveis género e nível de escolaridade.

Quadro 4 – *Análise das diferenças das dimensões da vinculação aos significativos relativamente às variáveis sociodemográficas*

	Género		NSEC		Ano Escolaridade		
	G.L.F	P	G.L.F	P	G.L.F	P	
Seguro Fig. Paterna	1	8.368 .003	F> M 2	.568	.567	1	5.031.025 1°>12°
Ansioso Fig. Paterna	1	0.000 1.00	2	2.158.166	1	1.172.280	
Evitante Fig. Paterna	1	6.368 .001	M> F 2	.955	.386	1	1.725.190
Seguro Fig. Materna	1	18.68 .003	F> M 2	.568	.567	1	4.031.011 1°>12°
Ansioso Fig. Materna	1	.027 .869	2	2.158.166	1	2.115.147	
Evitante Fig. Materna	1	.181 .671	2	.955	.386	1	.000 .985
Seguro Par Romântico	1	11.37 .001	F> M 2	.956	.385	1	.360 .549
Ansioso Par Romântico	1	1.778 .183	2	1.158.111	1	.286 .593	
Evitante Par Romântico	1	2.718 .100	2	.441	1	.001 .971	
Seguro Melhor Amigo	1	18.04 .000	F> M 2	1.562.211	1	5.031 .025	1°>12°
Ansioso Melhor Amigo	1	.000 1.000	2	1.016.166	1	.762 .383	
Evitante Melhor Amigo	1	2.661 .104	2	.272	.762	1	.828 .363

Nível de significância: *p<.05; **p<.01; ***p<.001; G.L.= Graus de Liberdade
F= Feminino; M= Masculino; NSEC: nível socioeconómico e cultural

Uma leitura do quadro permite depreender que existem diferenças significativas relativamente à variável género. Assim, verificam-se diferenças significativas no estilo *Seguro* para a Figura Paterna ($F=8.368$; $p=.003-F>M$), Materna ($F=18.688$; $p=.003-F>M$), Par Romântico ($F=11.371$; $p=.001-F>M$) e Melhor Amigo ($F=18.044$; $p=.000-F>M$); ou seja, as raparigas apresentam níveis mais *seguros* de vinculação para a Figura Materna ($M=57,35$; $D.P=11,2$), para o Melhor Amigo ($M=49,07$; $D.P.=7,05$), para a Figura Paterna ($M=33,62$; $D.P=5,63$), e para o Par Romântico ($M=24,94$; $D.P=8,54$) quando comparadas com os rapazes. Estes revelam níveis menos seguros de vinculação para todas as figuras significativas, nomeadamente para a Figura Materna ($M=48,35$; $D.P.=8,75$); para o Melhor Amigo ($M=38,67$; $D.P.=8,04$); para a Figura Paterna ($M=26,72$; $D.P.=7,54$); e para o Par Romântico ($M=21,03$; $D.P=6,92$). Os rapazes, no entanto, manifestam níveis superiores de vinculação *Evitante* em relação à Figura Paterna ($F=6.368$; $p=.001$).

Quanto à variável ano de escolaridade registam-se diferenças no estilo de vinculação *Seguro* para três das quatro figuras significativas: Figura Paterna ($F=5.031$, $p=.025-1^{\circ}>12^{\circ}$), Materna ($F=4.369$; $p=.011-1^{\circ}>12^{\circ}$) e Melhor Amigo ($F=5.031$; $p=.025-1^{\circ}>12^{\circ}$), ou seja os alunos do Ensino Superior revelam-se mais seguros que os alunos do Ensino Secundário.

Em relação à influência do nível socioeconómico e cultural dos sujeitos e da sua família de origem relativamente à vinculação, não se verificaram efeitos significativos em relação a todas as figuras significativas.

Assim, relativamente à variável género, os resultados estão sustentados pela revisão da literatura, confirmando-se a nossa terceira hipótese. Matos (2002) refere que as raparigas tendem a ter uma “vinculação mais segura” em relação às figuras significativas, sendo mais emocionalmente investida com a figura materna, parecendo ter repercussões na vinculação com os pares e com o par romântico. De facto, os adolescentes com relações seguras com os pais parecem ser mais confiantes com os pares, sendo as raparigas mais seguras relativamente às quatro figuras de vinculação. As associações entre as dimensões da vinculação à mãe relaciona-se de modo mais robusto na relação com os amigos, embora as influências de cada um sejam no mesmo sentido. Este resultado está de acordo com a teoria e com os estudos (Bartholomew & Horowitz, 1991; Hazan & Shaver, 1987; Hazan & Zeifman, 1999; Klohnen & col., 2005, In Rocha, M., 2008) que associam a vinculação dos adolescentes/jovens aos pais e a vinculação aos pares. Assim, a investigação afirma que existe uma associação mais consistente entre a vinculação aos pais e aos pares do que entre pais e par amoroso (Rocha, M., 2008). Assim, a qualidade da vinculação aos pais, particularmente à mãe, parece

influenciar positivamente uma relação segura ao melhor amigo, como era esperado (Ainsworth & Bowlby, 1991; Freeman & Brown, 2001; Furman, 2001; Furman, Simon, Shaffer & Bouchey, 2002; Markiewicz, Lawford, Doyle & Haggart, 2006); contudo, não se observa esta influência em relação ao par amoroso, como também se tinha previsto. A principal conclusão, no que diz respeito ao recurso das quatro figuras significativas, é a preferência dada à mãe qualquer que seja o nível de escolaridade e género considerados. Apesar dos dados reforçarem a posição dos autores que defendem que a vinculação à mãe e ao pai têm funções diferentes nas vidas relacionais dos filhos, no entanto, sublinhe-se que uma figura não é superior à outra (Matos, 2002).

Relativamente à hipótese dois, em que se esperava uma percentagem mais elevada de raparigas com uma vinculação *Ansiosa* para as figuras significativas, não houve resultados significativos. Talvez devido às mudanças do seu papel na sociedade, em que as raparigas tendem a apresentar relações mais seguras e positivas com os outros. Nesta segunda hipótese também se esperava que os rapazes tivessem tendência a uma relação mais *Ansiosa* e *Evitante* com as figuras significativas, verificando-se apenas parcialmente; na medida em que, os rapazes manifestam apenas ter uma relação *Evitante* (elevado evitamento e baixa ansiedade) com a figura paterna. Este resultado está de acordo com a literatura que refere que a vinculação ao pai tende a ser *Desinvestida* – elevado evitamento e baixa ansiedade – (Matos, 2002). Os rapazes parecem não ter uma relação tão emocionalmente investida em comparação com as raparigas, particularmente com a Figura Paterna, o que se poderá relacionar com o facto de, apesar de mudanças na socialização com a mãe, os rapazes continuam a ser socializados para “valorizar a autonomia e a esconder as emoções” em relação ao pai (Santos, 2005).

No que diz respeito ao ano de escolaridade saliente-se que na dimensão *Seguro*, os alunos do 1º ano do Ensino Superior tiveram resultados mais significativos do que os do 12º ano para três figuras significativas – paterna, materna e melhor amigo. O que poderá ser justificado pelo facto dos alunos do 1º ano se encontrarem adaptados ao meio, tendo realizado uma transição adaptativa. Enquanto que os alunos do 12º ano ainda se encontram em fase de exploração colocando “à prova” as relações estabelecidas com as figuras significativas.

Tendo em conta o nível socioeconómico e cultural, não se verificam diferenças significativas nas diferentes dimensões da vinculação. Contudo, é de notar que a dimensão ansioso, apesar de não ser significativa, é mais elevada para o NSEC baixo, o que poderá ser explicado pelo facto de serem concedidas a estes adolescentes/jovens menos oportunidades de exploração por parte dos significativos.

2. Apresentação dos resultados tendo em conta o ano, género e o nível socioeconómico relativamente à escala SCCI

No quadro seguinte, apresenta-se a síntese dos resultados das diferenças entre grupos: género, nível socioeconómico e cultural e ano de escolaridade relativamente às dimensões do desenvolvimento vocacional. Mais uma vez para verificar as diferenças relativamente ao nível socioeconómico e cultural recorreu-se à análise de variância (*One Way-ANOVA*) entre grupos e ao *T-Test* para verificar o impacto das variáveis género e nível de escolaridade.

Quadro 5 - *Análise das diferenças das dimensões do desenvolvimento vocacional relativamente às variáveis sociodemográficas*

	Género			NSEC			Ano Escolaridade				
	G.L	F	P	G.L	F	P	G.L	F	P		
Cooperação	1	1.192	.276	2	.283	.753	1	.574	.563		
Convicções	1	2.097	.148	2	.168	.846	1	.168	.846		
Confiança	1	.650	.421	2	1.031	.563	A=M>B	1	.283	.753	
Investimento	1	10.290	.005	M>F	2	4.131	.05	M>A=B	1	.472	.624
Exploração	1	7.338	.005	F>M	2	.472	.634	1	2.062	.129	

Nível de significância: *p<.05; **p<.01; ***p<.001

G.L.= Graus de Liberdade

F= Feminino; M= Masculino; A= NSEC alto; M= NSEC médio; B= NSEC baixo.

A análise do quadro permite constatar algumas diferenças relativamente às representações dos adolescentes e jovens em relação ao desenvolvimento vocacional. Quanto ao ano de escolaridade não se registam diferenças em todas as dimensões do desenvolvimento vocacional.

Em relação à variável género verificam-se diferenças significativas nas dimensões exploração e investimento vocacional. Relativamente à dimensão da exploração vocacional, existem diferenças significativas ($F=7,338$; $p=.005$ - $F>M$), ou seja, as raparigas tendem a realizar mais actividades de exploração vocacional ($M=32,54$; $D.P=5,5$) do que os rapazes ($M=23,01$; $D.P=5,7$). Por sua vez, o género masculino apresenta resultados mais elevados em relação à dimensão investimento ($M=34,47$; $D.P=5,48$) em comparação com o género feminino ($M=23,62$; $D.P=5,79$).

Quanto ao impacto da variável nível socioeconómico e cultural no desenvolvimento vocacional registaram-se algumas diferenças significativas. Assim, na dimensão da confiança vocacional verifica-se que: NSEC alto ($M=35,63$; $D.P=4,61$), e médio ($M=34,63$; $D.P.=4,42$) têm valores semelhantes e são superiores ao NSEC baixo ($M=23,00$; $D.P.=4,66$); ou seja, os

jovens proveniente de NSEC mais elevados mostram-se mais confiantes face ao seu futuro vocacional do que os jovens de NSEC mais baixos. Relativamente ao investimento vocacional considere-se o NSEC médio ($M=36,17$; $D.P.=5,66$) como mais elevado do que o NSEC alto ($M=25,97$; $D.P.=5,36$) e o NSEC baixo ($M=25,10$; $D.P.=6,05$), que têm valores próximos.

Considerando o impacto das variáveis sociodemográficas analisadas no desenvolvimento vocacional, observaram-se diferenças significativas nas dimensões do investimento e exploração vocacional relativamente ao género. Portanto, as raparigas manifestam níveis mais elevados na dimensão da exploração vocacional do que os rapazes. Este resultado poderá relacionar-se com o facto destas terem maior necessidade de realizar exploração pela condição feminina de acesso ao mundo do trabalho, o que está de acordo com Young *et al.* (1994) que defendia que as raparigas têm sofrido modificações no seu processo de socialização, o que estimula um aumento da exploração vocacional e da generalização social do trabalho da mulher.

O facto de não existirem diferenças significativas entre os alunos do 12º ano de escolaridade e do 1º ano do Ensino Superior, infirma a nossa hipótese quatro, em que se esperava que os sujeitos do 12º se situassem num momento predominantemente de exploração e os do 1º ano da Faculdade de investimento. Este resultado pode ser explicado em virtude do facto dos alunos de 1º ano continuarem a apresentar questionamentos em relação aos investimentos realizados, continuando a realizar exploração, como ocorre no 12º ano, em ordem a uma possível redefinição do projecto vocacional (Azevedo, 2005); ou seja, muitos alunos apresentam dificuldades na adaptação ao ensino superior devido a um desajuste entre a sua primeira escolha vocacional e o curso que frequentam, muitas vezes fruto de uma escolha residual.

Quanto ao resultado de os jovens de nível socioeconómico e cultural alto e médio manifestarem uma maior confiança vocacional do que os nível socioeconómico e cultural baixo poderá atribuir-se ao facto destes sujeitos terem acedido a oportunidades de exploração vocacional de maior qualidade do que os seu colegas e terem contextos familiares veiculadores de expectativas mais elevadas, tornando-os mais confiantes face ao futuro. Relativamente ao resultado verificado de que são os indivíduos de nível socioeconómico médio os que apresentam níveis mais elevados de maior investimento, o que de certa forma está de acordo com a nossa sexta hipótese, está de acordo com os resultados sustentados pela investigação. Os pais de contextos familiares de nível socioeconómico e cultural médio garantem um maior apoio no processo de construção dos projectos vocacionais dos seus

filhos, proporcionando-lhes maiores oportunidades de exploração e investimento do que os provenientes de contextos socioeconómicos e culturais mais baixos e mais elevados em que tendem a reproduzir o estilo de vida da família e do contexto em que estão inseridos. O significado psicológico e social desta diferença poderá ser explicado pelo facto do nível socioeconómico e cultural médio, na sociedade portuguesa, ser o mais dinâmico, percepcionando o investimento num curso superior como uma forma de mobilidade e ascendência social (Gonçalves, 2006). Por isso, estas famílias empenham-se em garantir os apoios necessários para que os seus possam realizar percursos de formação mais longos. Os jovens provenientes de nível socioeconómico e cultural alto, com elevada confiança vocacional, poderão ser influenciados pelos recursos instrumentais da família de origem e, desta forma, abdicarem de realizar comportamentos de exploração favorecendo a emergência de indivíduos *Foreclosure*, ou seja, que realizem investimentos sem exploração, cumprindo o projecto vocacional da família.

Relativamente aos adolescentes/jovens de nível socioeconómico e cultural baixo ao apresentarem resultados baixos para as cinco dimensões do desenvolvimento vocacional, poderá explicar-se pelo facto destes sujeitos terem expectativas reduzidas em relação ao seu projecto de vida, na medida em que as mensagens veiculadas pela família de origem e nos seus contextos de vida vão neste sentido; e simultaneamente, porque os constrangimentos sociais e económicos os empurram para o mercado de trabalho, pois a exploração é, em muitos casos, um privilégio que resulta de pertencer a uma família com determinado nível socioeconómico e cultural (Gonçalves, 2006).

3. Resultados tendo em conta as correlações das dimensões da vinculação às diferentes figuras significativas face ao desenvolvimento vocacional

Para avaliar as associações existentes entre as dimensões da vinculação às figuras significativas: Mãe, Pai, Pai Amoroso e Melhor Amigo e as dimensões do desenvolvimento vocacional, procedeu-se ao cálculo de coeficientes de correlação momento produto de *Pearson*, apresentadas no quadro 6 que se segue:

Quadro 6 - Correlações entre as dimensões da vinculação e do desenvolvimento vocacional

Dimensões	Cooperação	Convicção	Confiança	Exploração	Investimento
Figura Paterna					
Seguro	.215***	.130**	.174***	.097	.155***
Ansioso	-.009	.102	.219***	.106*	.083
Evitante	-.073	-.113*	-.074	-.037	.030
Figura Materna					
Seguro	.321***	.195***	.229***	.268***	.229***
Ansioso	-.057	.051	.077	-.011	.040
Evitante	.140*	-.059	-.025	-.106*	-.006
Par Romântico					
Seguro	.042	.051	.115*	.108*	.064
Ansioso	.082	.063	.103*	.051	.095
Evitante	-.071	-.023	-.060	.056	.017
Melhor Amigo					
Seguro	.097	.130*	.174**	.155**	.215**
Ansioso	.040	-.023	.098	-.067	.035
Evitante	.106*	-.006	-.025	.128*	-.059

*p>0,05; **p>0,01;***p>0,001

Pela análise do quadro 6, podemos verificar que as dimensões do desenvolvimento vocacional se relacionam positivamente e significativamente com as dimensão do padrão *Seguro* de vinculação em relação a todas as figuras de vinculação, sendo mais saliente, por ordem de prioridade: a mãe, o melhor amigo, o pai e, por fim, o par romântico. Embora as correlações, na generalidade, não sejam muito robustas saliente-se que os resultados são consistentes com a investigação. Ketterson e Blustein (1997) e Felsman e Blustein (1999) verificaram que a vinculação segura aos significativos estava correlacionada positivamente com o desenvolvimento vocacional. Contudo, Felsman e Blustein (1999) identificaram que a vinculação segura à mãe era mais decisiva e importante do que a vinculação ao pai na facilitação dos comportamentos de exploração e investimento vocacional. Estes resultados confirmam a nossa primeira hipótese.

4. Resultados da análise de regressão da vinculação às figuras significativas face ao desenvolvimento vocacional

Para avaliar em que medida cada uma das dimensões da vinculação face às figuras significativas são preditoras do desenvolvimento vocacional realizou-se uma regressão linear múltipla, utilizando como variáveis independentes as dimensões do *ECR-R* (*Seguro*, *Ansioso* e *Evitante*) e como variáveis dependentes as dimensões do *SCCI* (*Cooperação*, *Convicções*, *Confiança*, *Exploração* e *Investimento vocacional*).

Quadro 7 – Valor preditivo das dimensões da vinculação ao Pai no desenvolvimento vocacional

Dimensões	Cooperação		Convicção		Confiança		Exploração		Investimento	
	Beta	Sig	Beta	Sig	Beta	Sig	Beta	Sig	Beta	Sig
Seguro	.468	.050*	.071	.206	.037	.491	.470	.027*	.128	.000***
Ansioso	.032	.411	.078	.126	.211	.277	.015	.341	.229	.544
Evitante	.150	.124	.078	.266	-.047	.491	-.047	.498	.050	.477

Total R² = .140
Total R² ajustado = .140

A análise de regressão realizada demonstra que, na Figura Paterna, a única dimensão que é preditora do desenvolvimento vocacional (*Cooperação, Exploração e Investimento Vocacional*) é o padrão de vinculação *Seguro*, sendo a única dimensão significativa a contribuir para a explicação da variância; contudo, apenas contribui com 14% para a explicação da mesma.

Quadro 8 - Valor preditivo das dimensões da vinculação à mãe no desenvolvimento vocacional

Dimensões	Cooperação		Convicção		Confiança		Exploração		Investimento	
	Beta	Sig	Beta	Sig	Beta	Sig	Beta	Sig	Beta	Sig
Seguro	.361	.000***	.199	.491	.505	.000***	.180	.000***	.073	.221
Ansioso	-.041	.609	.065	.534	.104	.196	-.070	.001***	-.121	.221
Evitante	.012	.880	-.211	.008**	-.049	.505	-.027	.731	-.064	.425

Total R² = .190
Total R² ajustado = .190

Da leitura da análise de regressão apresentada no quadro 8, verifica-se que para a Figura Materna a dimensão *Seguro* é preditora igualmente de três variáveis do desenvolvimento vocacional: *Cooperação, Confiança e Exploração*, sendo a variância total explicada por este conjunto de variáveis de 19%.

Quadro 9 - Valor preditivo das dimensões da vinculação ao Par Romântico no desenvolvimento vocacional

Dimensões	Cooperação		Convicção		Confiança		Exploração		Investimento	
	Beta	Sig	Beta	Sig	Beta	Sig	Beta	Sig	Beta	Sig
Seguro	.102	.160	.007	.911	.005	.429	.051	.329	.014	.819
Ansioso	-.046	.449	.047	.847	.005	.269	.005	.941	.031	.628
Evitante	-.094	.207	-.100	.183	-.093	.205	-.028	.709	-.069	.363

Total R² = .065
Total R² ajustado = .055

Parece importante considerar, pela análise da regressão, que em relação ao Par Romântico não se registaram valores de *Beta* com magnitude significativa a qualquer padrão de vinculação preditor do desenvolvimento vocacional, explicando apenas 6,5% da variância total. Este resultado, consistente com os encontrados em outras análises, parece ser indicador de que a figura Par Romântico é o que menos impacto parece ter no desenvolvimento vocacional dos jovens.

Quadro 10 - Quadro 9 - Valor preditivo das dimensões da vinculação ao Melhor Amigo no desenvolvimento vocacional

Dimensões	Cooperação		Convicção		Confiança		Exploração		Investimento	
	Beta	Sig	Beta	Sig	Beta	Sig	Beta	Sig	Beta	Sig
Seguro	.065	.269	.197	.010**	.226	.002**	.326	.000***	.128	.000***
Ansioso	.030	.622	.061	.112	.078	.892	.161	.010**	.229	.544
Evitante	.102	.160	.203	.006**	.080	.269	.148	.044	.050	.477

Total R² = .180
Total R² ajustado = .170

Os resultados encontrados na regressão, relativamente a esta figura de vinculação, são semelhantes aos da Figura Materna. Assim, para o Melhor Amigo, a dimensão *Seguro* será preditora da *Convicção*, *Confiança*, *Exploração* e *Investimento* vocacional, explicando 18% da variância.

De uma forma geral, podemos considerar que das correlações e regressões realizadas no sentido de analisar e predizer as relações entre as dimensões da vinculação e do desenvolvimento vocacional verificou-se que uma relação *Segura* às figuras significativas – pai, mãe, melhor amigo – se relaciona positivamente com o desenvolvimento vocacional. Estes resultados parecem demonstrar que uma relação de segurança com as figuras significativas, particularmente com a mãe, parecem contribuir significativamente para a promoção das trajetórias vocacionais dos jovens (Blustein *et al.*, 1995).

Sublinhe-se, a partir dos nossos resultados, que é principalmente o padrão de vinculação *Seguro* à Figura Materna, seguida da do Melhor Amigo e do Pai, que têm maior magnitude nas dimensões do *Investimento* e *Exploração* Vocacional como previamente definido na primeira hipótese. Este resultado é consistente com a revisão da literatura postulando que o desenvolvimento vocacional é explicado maioritariamente pelas relações interpessoais com os pais e os melhores amigos, estando em consonância, parcialmente, com o que se esperava. A este propósito, Schultheiss e colaboradores (2001), usando uma metodologia qualitativa, estudaram a influência da família na exploração vocacional e na tomada de decisão dos

adolescentes e jovens, concluindo que aqueles sentiam, por ordem de importância, que as mães, os pais, os irmãos, família alargada e os amigos tinham um papel decisivo na exploração dos seus percursos vocacionais, pelos meios indirectos proporcionados (conversas informais sobre a carreira), pelo apoio e estímulos emocionais garantidos, e até pela disponibilização de meios mais tangíveis, como os materiais didácticos e educativos imprescindíveis para prosseguirem na formação. Assim, a percepção de uma vinculação *Segura* é preditiva do desenvolvimento vocacional, em relação à exploração e ao investimento. Isto é, os indivíduos com vinculação *Segura* têm condições para progredir e reformular os seus investimentos através de novas explorações (Blustein *et al.*, 1995). A segurança nas relações familiares promove competências de autonomia nos filhos, envolvendo-os na exploração do mundo exterior à família, na relação com os pares e nas escolhas vocacionais. A experiência de um *self* seguro facilitará a exploração, pela relação que o indivíduo estabelece com o mundo físico e social, o que é central no desenvolvimento vocacional.

Contudo, também era esperado que a relação *Segura* com o Par Romântico tivesse uma predição significativa sobre o desenvolvimento vocacional, o que não parece ter sucedido. Esta constatação suscita a necessidade de mais estudos, sobretudo de cariz longitudinal, para compreender se é o aumento dos anos de relação amorosa que poderá ser a base da construção de uma relação de vinculação segura produtora de impacto nas várias áreas de desenvolvimento do par romântico. A revisão da literatura acerca desta questão coloca a barreira dos dois anos como condição à existência de uma relação de vinculação ao par amoroso. (Zeifman & Hazan, 1997; Hazan & Zeifman, 1994, 1999) Assim, uma forma de justificar, neste estudo, a ausência de impacto do par amoroso no desenvolvimento vocacional poderá atribuir-se às características da amostra. Isto é, os alunos do 12º e 1º ano do Ensino Superior, que foram alvos deste estudo, poderão estar envolvidos em relações amorosas pouco duradouras e não serem percebidas pelos mesmos como relações de vinculação; daí a falta de relevância que estas relações poderão ter nos seus trajectos vocacionais. Estes jovens parecem valorizar os pais, particularmente a mãe, e os amigos como figuras privilegiadas de vinculação com um impacto relevante nas suas vidas (Fraley & Davis, 1997). Neste sentido, a família continua a ser percebida pelas gerações actuais dos jovens como um contexto de proximidade emocional e de segurança (Grotevant & Cooper, 1985; Lopez, 1995; Matos & Costa, 1996; Weiss, 1982; Youniss & Smollar, 1985), constituindo-se como uma *base segura* a partir da qual o jovem pode desenvolver sentimentos positivos em relação a si e à sua capacidade para realizar explorações e investimentos.

Considerações Finais

Ao finalizar este trabalho, será importante analisar e avaliar, a partir dos objectivos propostos, dos resultados obtidos e das questões levantadas, que contributos e mais valias emergiram para a compreensão das relações de vinculação e o desenvolvimento vocacional de jovens. Também será relevante sinalizar as limitações deste trabalho, salientar as suas potencialidades e retirar algumas ilações para a prática psicológica.

As dimensões do desenvolvimento psicológico privilegiadas, como objecto deste estudo, foram a vinculação e o desenvolvimento vocacional em contexto, centrando-se na família, nomeadamente na figura paterna e materna, bem como nos pares: par romântico e par significativo ou melhor amigo. Ao longo deste trabalho, a vinculação e o desenvolvimento vocacional foram encaradas como dimensões do desenvolvimento psicológico global, visto que o indivíduo, ao longo do seu desenvolvimento, vai relacionando-se com diversas figuras significativas, estabelecendo relações distintas com cada uma delas. Este estudo, através dos resultados apurados, revela que uma vinculação segura às figuras materna, paterna e ao melhor amigo têm um impacto importante na elaboração, implementação e reformulação dos projectos de vida do indivíduo, ou seja, no seu desenvolvimento vocacional. Por isso, os propósitos que guiaram a realização deste trabalho foram, em parte, cumpridos; contudo, parece importante destacar algumas lacunas que emergem do mesmo.

As dificuldades sentidas começaram por surgir já no início deste trabalho, porque ao pretender abordar duas dimensões tão importantes do desenvolvimento humano: vinculação e desenvolvimento vocacional, confrontei-me com um campo vastíssimo de literatura, exigindo que delimitasse bem o domínio em estudo, evitando o risco de ser simplista/reductora ou demasiado exaustiva, mas mantendo o rigor na análise. Embora, exista muita literatura e investigação acerca de cada uma das dimensões, confrontei-me com uma escassez de investigação que relacionasse as duas, nomeadamente no contexto português; daí o desafio e as dificuldades em que me envolvi.

A segunda grande dificuldade que tive de enfrentar, uma vez que optei por uma metodologia quantitativa, foi a escolha de instrumentos para avaliar as dimensões que eram objecto de estudo. Após a revisão da literatura e de discutir as possibilidades de opções com o meu orientador, decidimos, para avaliar o Desenvolvimento Vocacional, utilizar o *SCCI-P* (Gonçalves & Coimbra, 2004) adaptado à população portuguesa, que nos dava alguma garantia, em virtude das suas qualidades psicométricas. Para avaliar as dimensões da vinculação optou-se, depois de várias ponderações, pelo *Experiences in Close Relationships* –

Revised (ECR-R, Martins & Coimbra, 2006), que ao longo do estudo foi produzindo questões e desafios permanentes, com avanços e recuos nas opções a assumir. Ao concluir este estudo, subsistem algumas dúvidas sobre a certeza de se ter realizado a melhor escolha, por se tratar de um instrumento extenso, repetitivo (em virtude de se responder aos mesmos itens para as 4 figuras), complexo, moroso, produzindo cansaço e desmotivação nos alunos, para além das dificuldades acrescidas de se encontrar, em fase de desenvolvimento, a sua adaptação à população portuguesa. Não foi também tarefa fácil aceder à amostra pelos problemas colocados pelas instituições de ensino à recolha de dados, devido aos constrangimentos de tempo para cumprir os programas, à burocratização e dificuldades colocadas em colaborar na investigação, nomeadamente as Escolas Secundárias.

Outra dificuldade foi o tratamento de dados estatísticos, particularmente devido às dificuldades de encontrar uma coerência teórica na estrutura factorial da escala *ECR-R*; mas também, porque não me senti suficientemente preparada para dominar os tratamentos estatísticos a realizar. Foi uma tarefa árdua e persistente, ao longo de muitos dias, a introduzir e tratar dados, realizar múltiplos ensaios de análises factoriais das escalas e analisar os resultados. Considero que foi a tarefa mais árdua deste estudo; aquela em que tive mais dúvidas de conseguir levá-la ao seu termo, tornando-se possível porque pude contar sempre com apoio do orientador, das colegas e amigos. Contudo, foi, sem dúvida, o que me proporcionou maior satisfação por ter atingido o objectivo, com mais-valias para a minha formação, após tão grande investimento.

Quanto aos resultados deste estudo, vão parcialmente ao encontro das hipóteses previamente formuladas e são consistentes com a revisão da literatura, sublinhando que a relação segura aos significativos é fundamental para realizar explorações e investimentos vocacionais, assumindo um papel de relevo a figura materna e o melhor amigo. Estes resultados com um carácter exploratório, sinalizam a necessidade de continuar a desenvolver estudos transversais e longitudinais articulando metodologias quantitativas com qualitativas para nos apropriarmos dos processos de desenvolvimento subjacentes às relações de vinculação ao longo da vida e o seu impacto nas trajectórias vocacionais.

As profundas mudanças que se fazem sentir nas sociedades ocidentais contemporâneas, quer na sua concepção quer na estrutura da dinâmica familiar, não podem ser impedimento a que este contexto seja um suporte emocional possibilitando aos adolescentes e jovens a segurança necessária para enfrentar os desafios e medos inerentes à exploração, promovendo investimentos seguros em tempos de incerteza e turbulência. Portanto, torna-se urgente intervir neste contexto, promovendo espaços de diálogo, onde pais e filhos possam partilhar

as suas angústias, (in)certezas, num processo de redefinição e construção das suas identidades. Para finalizar, salientam-se um conjunto de questões que este estudo deixou em aberto para futuros desenvolvimentos:

- (Re)aplicação das escalas em futuros estudos realizando uma análise factorial confirmatória para validação do modelo conceptual subjacente às duas escalas;
- Neste estudo, optou-se por uma metodologia quantitativa, por razões que se prendem com o tempo e o custo, contudo parece conveniente articular esta metodologia com metodologias qualitativas, mediante entrevistas e estudos de caso, ou através da análise estrutural das narrativas de vida. Seria interessante, por exemplo, confrontar as representações do adolescente/jovem com o pai, mãe, pares e par romântico, bem como as representações destas figuras significativas relativamente ao jovem, dando-nos uma ideia mais realista dos processos que caracterizam as relações de vinculação e o seu impacto no desenvolvimento psicológico geral
- Neste estudo, utilizou-se uma metodologia transversal, sendo importante a realização de estudos longitudinais para avaliar se a influência da vinculação no desenvolvimento vocacional nos adolescentes e jovens se mantêm ou se transformam por motivos inerentes ao próprio processo de desenvolvimento.

Ao finalizar este trabalho pode concluir-se que o sentido do *self* que o jovem desenvolve no mundo social, na relação que estabelece com os significativos, é um processo complexo e interactivo, que não se compadece com intervenções isoladas, geralmente não produtoras de mudanças significativas, mas com projectos de intervenção que passam pelo contributo de diferentes profissionais de diversas áreas, que ao intervirem nos diferentes contextos sociais promovam o desenvolvimento humano. O papel do psicólogo na escola como elemento catalizador das relações entre os diferentes actores sociais, como os professores, a família e a comunidade, também tem um papel essencial. A influência do contexto familiar, nomeadamente dos pais, no desenvolvimento vocacional de adolescentes e jovens coloca o desafio aos profissionais de orientação vocacional que intervêm nesta dimensão do desenvolvimento psicológico, de elaborarem, implementarem e avaliarem projectos de intervenção psicológica vocacional que não se circunscrevam apenas ao sistema individual, mas que considerem outros contextos, como a família, proporcionando aos jovens um contexto securizante, facilitando-lhes oportunidades, experiências e apoios neste domínio do desenvolvimento psicológico (Gonçalves, 2006).

Referências Bibliográficas:

- Abreu, M. (1996). *Pais, professores e psicólogos: contributos para o desenvolvimento de uma prática relacional nas escolas*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Ainsworth, M. D. (1989). *Attachment beyond infancy*. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Ainsworth, M. D. (1991). Attachment and other affectional bonds across the life cycle. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds), *Attachment across the life cycle* (pp. 33-51). London, N. Y.: Routledge.
- Ainsworth, M.D., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Ainsworth, M. D., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 331-341.
- Allen, J. P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P.H. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications*. New York: Guildford Press.
- Almeida, J., & Freire, F. (2003). *Diversidade na universidade: um inquérito aos estudantes de licenciatura*. Oeiras: Celta.
- Azevedo, A. (2005). *Motivação e sucesso na transição do ensino secundário para o ensino superior*. Tese de Doutoramento em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto sob a orientação da Professora Doutora Luísa Faria.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 2, 226-244.
- Benson, M., Harris, P., & Rogers, C. (1992). Identity consequences of attachment to mothers and fathers among late adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 2(3), 187-204.
- Blustein, D. (1993). *Explorations of the career exploration literature: current status and future directions*. Monografia apresentada no American Education Research Association Convention.
- Blustein, D., Devenis, L., & Kidney, B. (1989). Relationship Between the Identity Formation Process and Career Development. *Journal of Counselling Psychology*, 36, 196-202.

- Blustein, D., Ellis, M., & Devenis, L. (1989). The development and validation of a two-dimensional model of the commitment to career choices process. *Journal of Vocational Behavior*, 35, 342-378.
- Blustein, D., Walbridge, M., Friedlander, M., & Palladino, D. (1991). Contribution of psychological separation and parental attachment to the career development process. *Journal of Counseling Psychology*, 38, 39-50.
- Blustein, D., Prezioso, M., & Schultheiss, D. (1995). Attachment theory and career development: Current status and future directions. *The Counseling Psychologist*, 23, 416-432.
- Bowlby, J. (1982/91). *Attachment and loss*, Vol.1: *Attachment*. Londres: Hogarth Press. (1ª Edição, 1969).
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*, Vol. 2: *Separation, anxiety and anger*. New York : Basic Books.
- Bowlby, J. (1978). *Attachment and loss*, Vol 3: *Loss sadness and depression*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss*. Vol. 3: *Loss, sadness and depression*. New York : Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. New York: Basic Books.
- Brennan, K., Clark, C., & Shaver, P., (1998). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. *Developmental Psychology*, 22 (6), 723-742.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. (1997). *The ecology of developmental processes*. In Handbook of child psychology. Vol.1, cap. 17, 993-1028.
- Coimbra, J., Campos, B., & Imaginário, L. (1994). *Career intervention from a psychological perspective: Definition of the main ingredients of an ecological-developmental methodology*. 23rd International Congress of Applied Psychology, Madrid.
- Campos, B. (1992). Informação na orientação profissional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 8, 5-16.
- Campos, B., & Coimbra, J. (1991). Consulta psicológica e exploração do investimento vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7, 11-19.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 4, 644-663.

Costa, M. E. (1990). *Contextos sociais de vida e desenvolvimento dos estatutos de identidade: um estudo longitudinal junto de estudantes universitários*. Tese de Doutoramento em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto sob a orientação do Professor Doutor Bártolo Paiva Campos.

Erikson (1968). *Identity and crisis*. New York: Norton.

Felsman, D., & Blustein, D. (1999). The role of peer relatedness in late adolescent career development. *Journal of Vocational Behavior*, 54, 279-295.

Fouad, N. (2007). Work and Vocational Psychology: Theory, Research and Applications. *Annual Review of Psychology*, Vol. 58, 543-564.

Fraley, R., Waller, N., & Brennan, K. (2000). An Item Response Theory Analysis of Self-Report Measures of Adult Attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 78, 2, 350-365.

Freeman, H., & Brown, B. (2001). Primary attachment to parents and peers during adolescence: Differences by attachment style. *Journal of Youth and Adolescence*, 30, 653-674.

Furman, W. (2001). *The links between parental attachment and working models of other relationships*. Artigo apresentado no Biennial Meeting of the Society for Research on Child Development, Minneapolis.

Furman, W., Simon, V. A., Shaffer, L., & Bouchey, H. A. (2002). Adolescents' working models and styles for relationships with parents, friends, and romantic partners. *Child Development*, 73, 241-255.

Gonçalves, C. (1997). *A influência da família no desenvolvimento vocacional de adolescentes e jovens*. Dissertação de mestrado em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto sob a orientação do Professor Doutor Joaquim Luís Coimbra.

Gonçalves, C. (2003). Escola e família: uma relação necessária e conflitual. In M.E. Costa (Ed.), *Gestão de conflitos na escola*, (pp. 97-142). Universidade Aberta.

Gonçalves, C. (2006). *A família e a construção de projectos vocacionais de adolescentes e jovens*. Tese de doutoramento em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto sob a orientação do Professor Doutor Joaquim Luís Coimbra.

Gottfredson, G. D. (1981). Circumscription and compromise: a developmental theory of occupational aspirations. *Journal of Counseling Psychology*, 28, 545-579.

Grotevant, H., & Cooper, C. (1985). Patterns interaction in family relationships and the development of identity exploration in adolescence. *Child Development*, 56, 415-418.

- Grotevant, H., & Cooper, C. (1988). The role of family experience in career exploration: a life-span perspective. In P. Baltes, R. H. Lerner, & D. Featherman (Eds.), *Life-span development and behaviour*. Vol. 8. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic Love Conceptualized as an Attachment Process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1990). Love and Work: An attachment-Theoretical Perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 270-280.
- Hazan, C., & Zeifman, (1994). Sex and the psychological tether. In K. Bartholomew & D. Pearlman (Eds), *Advances in Personal Relationships*, Vol. 5, Attachment Processes in Adulthood, pp. 151- 177. London: Jessica Kingsley.
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1999) Pair bonds as attachments: Evaluating the evidence. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment. Theory, Research and Clinical Applications*. New York: The Guildford Press.
- Ketterson, T., & Blustein, D. (1997). Attachment Relationships and the Career Exploration Process. *The Career Development Quarterly*, 46, 167-178.
- Lopez, F., Watchkins, C., Manus, M., & Hunton-Shoup, J. (1992). Conflictual independence, mood regulation and generalizes self-efficacy: test of a modelo of late-adoelscence identity. *Journal of Counselling Psychology*, 39, 375-381.
- Lopez, F. (1995). Contemporary Attachment Theory: An Introduction with Implications for Counseling Psychology. *The Counseling Psychologist*, Vol. 23, 395-415.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), Growing points of attachment theory and research. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50 (Serial No. 209), 66-104.
- Main, M., & Solomon, S. D. (1986). Discovery of a new, insecure-disorganized/disoriented attachment pattern. In T. Brazelton & M. Yogman (Eds), *Affective development in infancy*. Norwood: Ablex.
- Marcia, J. (1966). Development and validation of ego identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 551-558.
- Marcia, J. (1986). Clinical implications of the identity status approach within psycgological development theory. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, 23-24.
- Markiewicz, H., Lawford, J., Doyle, A., & Haggart, N. (2006). Developmental differences in adolescents and young adults use of mothers, fathers, best friends, and romantic partners to fulfil attachment needs. *Journal of Youth and Adolescence*, 35, 127-140.
- Martins, A., & Coimbra, J.L. (2006). *Jovens adultos, Vinculação e Trabalho: “amor” e “trabalho” de novo juntos?*. Comunicação apresentada no VIII Congresso Internacional de Formação para o Trabalho Norte de Portugal/Galiza. Porto: IEFP.

Matos, P. M. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes*. Tese de doutoramento em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília Costa.

Matos, P. M., & Costa, M. E. (1996). Vinculação e Processos Desenvolvimentais nos Jovens e Adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 45-54.

O'Brien, K. M., Friedman, S. M., Tipton, L. C., & Linn, S. G. (2000). Attachment, separation, and women's vocational development: A longitudinal analysis. *Journal of Counseling Psychology*, 47(3), 301-315.

Rocha, M. (2008). *O desenvolvimento das Relações de Vinculação na Adolescência: Associações entre contextos relacionais com pais, pares e par amoroso*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, sob a orientação da Professora Doutora Paula Mena Matos.

Ryan, B. (1996). *The family-school connection : theory, research, and practice*. London: Sage Publications.

Saint-Exupéry, A. (2001). *O Príncipezinho*. Lisboa: Editorial Presença.

Santos, R. (2005). *Conflito interparental e sensibilidade à rejeição: implicações na vinculação romântica*. Dissertação de Mestrado em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, sob a orientação da Professora Doutora Paula Mena Matos.

Savickas, M.L. (2002b). Career construction: A development theory of vocational behavior. In D. Brown & associates (Eds.), *Career choice and development*. 4th Ed. (pp. 149-215). San Francisco: Jossey-Bass.

Shulenberg, J., Vondracek, F., & Crouter, A. (1984). The influence of the family on vocational development. *Journal of Married and family*, 46, 129-143.

Scultheiss, D., Kress, H., Manzi, A., & Glasscock, J. (2001). Relational influences in career development: A qualitative inquiry. *The Counseling Psychologist*, 29, 214-239.

Soares, I. (Coord.) (2007). *Relações de Vinculação ao Longo do Desenvolvimento: Teoria e Avaliação*. Braga: Psiquilíbrios Edições.

Soares, I., & Campos, B. (1988). Vinculação e autonomia na relação dos adolescentes com os pais. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 4, 57-64.

Super, D. E. (1953). A theory of vocational development. *American Psychologist*, 8, 185-190.

Super, D. E. (1980). A life-time, life-space, approach to career development. *Journal of Vocational Behavior*, 13, 282-298.

Taveira, M. (2000). *Exploração e desenvolvimento vocacional de jovens: estudo sobre as relações entre a exploração, a identidade e a indecisão vocacional*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

Vandracek, F., Lerber, R., & Schulenberg, J., (1986). *Career development: A life-span development approach*. New Jersey: LEA, pub.

Weiss, R. (1982). Attachment in adult life. In C. M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior*. London: Tavistock Publ.

Weiss, M. (1994). *Patterns of relating: an adult attachment perspective*. New York: The Guilford Press.

Young, R. (1994). Helping adolescents with career development: The active role of parents. *Career Development Quarterly*, 43, 195-203.

Youniss, J., & Smollar, J. (1985). Adolescent Relations with Mothers, Fathers and Friends. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 8, 124-130.

Zeifman, D., & Hazan, C. (1997). A process model of adult attachment formation. In S. W. Duck (eds.) *The handbook of personal relationships: Theory, research and interventions* (pp. 179-195). Chichester, England: John Wiley & Sons.

ANEXOS

Anexo 1 – Questionário Sociodemográfico

1. Idade:(anos) Ano de Escolaridade:.....

Escola/Faculdade:

Curso(s) do Ensino Superior em que pensa inscrever-se ou em que está inscrito:

.....

2. Género:

Masculino Feminino

3. Estado Civil dos seus pais:

Solteiro(a) Casado(a) Divorciado(a) Viúvo(a)
 Em União de Facto

4. Grau/nível de Escolaridade Completo dos pais:

	Pai	Mãe
Não sabe ler/escrever	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1º Ciclo do Ensino Básico (4ª Classe)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2º Ciclo do Ensino Básico (6º ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3º Ciclo do Ensino Básico (9º ano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Secundário (12ºano)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Médio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Bacharelato	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Licenciatura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mestrado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Doutoramento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não posso responder porque _____		

5. Qual a profissão actual dos seus pais?

Pai:

Mãe:.....

6. Qual é a situação profissional dos seus pais actualmente?

	Pai	Mãe
<input type="checkbox"/> Empregado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Desempregado de curta duração	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Desempregado de longa duração	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> À procura do 1º Emprego	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Aposentado/reformada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo 2 – *Instrumento Experiences in Close Relationships – Revised* – versão portuguesa (Martins & Coimbra, 2006) utilizado no Estudo Preliminar 07/08

Responda numa escala de 1 a 6 (em que 1 corresponde a “Não concordo nada” e 6 a “Concordo totalmente”), assinalando com uma cruz o número que indica o seu grau de acordo ou desacordo em relação à frase. As suas respostas terão em consideração quatro figuras diferentes separadamente: a) pai ou pessoa que mais associa à figura paterna; b) mãe ou pessoa que mais associa à figura materna; c) namorado(a) ou pessoa que mais associa à figura de parceiro romântico, e d) melhor amigo(a) ou pessoa que mais associa à figura de melhor amigo(a).

Não concordo nada				Concordo totalmente	
1	2	3	4	5	6

a) Pai ou pessoa que mais associa à figura paterna:

- | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|
| 1. Tenho medo de perder o amor desta pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 2. Preocupo-me com frequência que esta pessoa me abandone. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 3. Preocupo-me com frequência que esta pessoa não goste realmente de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 4. Preocupo-me que esta pessoa não goste de mim tanto quanto eu gosto dela. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 5. Desejo com frequência que os sentimentos desta pessoa sejam tão fortes como os meus por ela. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 6. Preocupo-me bastante acerca das minhas relações. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7. Quando não estou com essa pessoa, preocupo-me com a eventualidade de ele se interessar por outra mais do que por mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 8. Quando demonstro os meus sentimentos a esta pessoa, tenho receio que ela não sinta o mesmo por mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 9. Raramente me preocupo com a possibilidade desta pessoa me abandonar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

Não concordo nada				Concordo totalmente	
1	2	3	4	5	6
10. Esta pessoa faz-me duvidar de mim próprio(a).				1	2 3 4 5 6
11. Não é frequente preocupar-me em ser abandonado(a).				1	2 3 4 5 6
12. Eu acho que esta pessoa não se aproxima de mim tanto quanto eu desejaria.				1	2 3 4 5 6
13. Às vezes, esta pessoa muda os sentimentos dela acerca de mim sem razão aparente.				1	2 3 4 5 6
14. O meu desejo de estar muito próximo às vezes afugenta essa pessoa.				1	2 3 4 5 6
15. Tenho receio que, a partir do momento em que esta pessoa me conheça realmente, ela não vá gostar de quem sou.				1	2 3 4 5 6
16. Deixa-me enfurecido(a) não ter o afecto e apoio que necessito desta pessoa.				1	2 3 4 5 6
17. Preocupo-me que eu não esteja ao nível dessa pessoa.				1	2 3 4 5 6
18. Esta pessoa só parece reparar em mim quando estou zangado(a).				1	2 3 4 5 6
19. Prefiro não demonstrar a esta pessoa como realmente me sinto.				1	2 3 4 5 6
20. Sinto-me confortável a partilhar os meus pensamentos e sentimentos mais privados.				1	2 3 4 5 6
21. É difícil permitir-me contar com esta pessoa.				1	2 3 4 5 6
22. É confortável sentir-me próximo dessa pessoa.				1	2 3 4 5 6
23. Não me é confortável “abrir-me” a essa pessoa.				1	2 3 4 5 6
24. Prefiro não estar demasiado próximo(a) desta pessoa.				1	2 3 4 5 6
25. É-me desconfortável quando esta pessoa quer estar muito próxima.				1	2 3 4 5 6
26. É relativamente fácil aproximar-me desta pessoa.				1	2 3 4 5 6
27. Não é difícil aproximar-me desta pessoa.				1	2 3 4 5 6
28. Frequentemente falo sobre os meus problemas e preocupações com esta pessoa.				1	2 3 4 5 6
29. Em alturas difíceis, é útil recorrer a esta pessoa.				1	2 3 4 5 6
30. Eu conto quase tudo a esta pessoa.				1	2 3 4 5 6

Não concordo nada				Concordo totalmente	
1	2	3	4	5	6

31. Eu resolvo os meus problemas com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
32. Sinto-me nervoso quando esta pessoa se aproxima demasiado. 1 2 3 4 5 6
33. É-me confortável contar com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
34. É-me fácil contar com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
35. É-me fácil ser afectuoso(a) com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
36. Esta pessoa realmente compreende-me a mim e às minhas necessidades. 1 2 3 4 5 6

Não concordo nada				Concordo totalmente	
1	2	3	4	5	6

b) Mãe ou pessoa que mais associa à figura materna:

- | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|
| 1. Tenho medo de perder o amor desta pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 2. Preocupo-me com frequência que esta pessoa me abandone. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 3. Preocupo-me com frequência que esta pessoa não goste realmente de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 4. Preocupo-me que esta pessoa não goste de mim tanto quanto eu gosto dela. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 5. Desejo com frequência que os sentimentos desta pessoa sejam tão fortes como os meus por ela. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 6. Preocupo-me bastante acerca das minhas relações. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7. Quando não estou com essa pessoa, preocupo-me com a eventualidade de ele se interessar por outra mais do que por mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 8. Quando demonstro os meus sentimentos a esta pessoa, tenho receio que ela não sinta o mesmo por mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 9. Raramente me preocupo com a possibilidade desta pessoa me abandonar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 10. Esta pessoa faz-me duvidar de mim próprio(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 11. Não é frequente preocupar-me em ser abandonado(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 12. Eu acho que esta pessoa não se aproxima de mim tanto quanto eu desejaria. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 13. Às vezes, esta pessoa muda os sentimentos dela acerca de mim sem razão aparente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 14. O meu desejo de estar muito próximo às vezes afugenta essa pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 15. Tenho receio que, a partir do momento em que esta pessoa me conheça realmente, ela não vá gostar de quem sou. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 16. Deixa-me enfurecido(a) não ter o afecto e apoio que necessito desta pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 17. Preocupo-me que eu não esteja ao nível desta pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

Não concordo nada				Concordo totalmente	
1	2	3	4	5	6

18. Esta pessoa só parece reparar em mim quando estou zangado(a). 1 2 3 4 5 6
19. Prefiro não demonstrar a esta pessoa como realmente me sinto. 1 2 3 4 5 6
20. Sinto-me confortável a partilhar os meus pensamentos e sentimentos mais privados. 1 2 3 4 5 6
21. É difícil permitir-me contar com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
22. É confortável sentir-me próximo dessa pessoa. 1 2 3 4 5 6
23. Não me é confortável “abrir-me” a essa pessoa. 1 2 3 4 5 6
24. Prefiro não estar demasiado próximo(a) desta pessoa. 1 2 3 4 5 6
25. É-me desconfortável quando esta pessoa quer estar muito próxima. 1 2 3 4 5 6
26. É relativamente fácil aproximar-me desta pessoa. 1 2 3 4 5 6
27. Não é difícil aproximar-me desta pessoa. 1 2 3 4 5 6
28. Frequentemente falo sobre os meus problemas e preocupações com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
29. Em alturas difíceis, é útil recorrer a esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
30. Eu conto quase tudo a esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
31. Eu resolvo os meus problemas com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
32. Sinto-me nervoso quando esta pessoa se aproxima demasiado. 1 2 3 4 5 6
33. É-me confortável contar com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
34. É-me fácil contar com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
35. É-me fácil ser afectuosa com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
36. Esta pessoa realmente compreende-me a mim e às minhas necessidades. 1 2 3 4 5 6

Não concordo nada				Concordo totalmente	
1	2	3	4	5	6

c) Namorado(a) ou pessoa que mais associa à figura de parceiro romântico:

- | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|
| 1. Tenho medo de perder o amor desta pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 2. Preocupo-me com frequência que esta pessoa me abandone. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 3. Preocupo-me com frequência que esta pessoa não goste realmente de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 4. Preocupo-me que esta pessoa não goste de mim tanto quanto eu gosto dela. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 5. Desejo com frequência que os sentimentos desta pessoa sejam tão fortes como os meus por ela. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 6. Preocupo-me bastante acerca das minhas relações. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7. Quando não estou com essa pessoa, preocupo-me com a eventualidade de ele se interessar por outra mais do que por mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 8. Quando demonstro os meus sentimentos a esta pessoa, tenho receio que ela não sinta o mesmo por mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 9. Raramente me preocupo com a possibilidade desta pessoa me abandonar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 10. Esta pessoa faz-me duvidar de mim próprio(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 11. Não é frequente preocupar-me em ser abandonado(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 12. Eu acho que esta pessoa não se aproxima de mim tanto quanto eu desejaria. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 13. Às vezes, esta pessoa muda os sentimentos dela acerca de mim sem razão aparente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 14. O meu desejo de estar muito próximo às vezes afugenta essa pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 15. Tenho receio que, a partir do momento em que esta pessoa me conheça realmente, ela não vá gostar de quem sou. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 16. Deixa-me enfurecido(a) não ter o afecto e apoio que necessito desta pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 17. Preocupo-me que eu não esteja ao nível desta pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

Não concordo nada				Concordo totalmente	
1	2	3	4	5	6

18. Esta pessoa só parece reparar em mim quando estou zangado(a). 1 2 3 4 5 6
19. Prefiro não demonstrar a esta pessoa como realmente me sinto. 1 2 3 4 5 6
20. Sinto-me confortável a partilhar os meus pensamentos e sentimentos mais privados. 1 2 3 4 5 6
21. É difícil permitir-me contar com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
22. É confortável sentir-me próximo dessa pessoa. 1 2 3 4 5 6
23. Não me é confortável “abrir-me” a essa pessoa. 1 2 3 4 5 6
24. Prefiro não estar demasiado próximo(a) desta pessoa. 1 2 3 4 5 6
25. É-me desconfortável quando esta pessoa quer estar muito próxima. 1 2 3 4 5 6
26. É relativamente fácil aproximar-me desta pessoa. 1 2 3 4 5 6
27. Não é difícil aproximar-me desta pessoa. 1 2 3 4 5 6
28. Frequentemente falo sobre os meus problemas e preocupações com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
29. Em alturas difíceis, é útil recorrer a esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
30. Eu conto quase tudo a esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
31. Eu resolvo os meus problemas com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
32. Sinto-me nervoso quando esta pessoa se aproxima demasiado. 1 2 3 4 5 6
33. É-me confortável contar com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
34. É-me fácil contar com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
35. É-me fácil ser afectuosa com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
36. Esta pessoa realmente compreende-me a mim e às minhas necessidades. 1 2 3 4 5 6

Não concordo nada				Concordo totalmente	
1	2	3	4	5	6

d) Melhor amigo(a) ou pessoa que mais associa à figura de melhor amigo(a):

- | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|
| 1. Tenho medo de perder o amor desta pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 2. Preocupo-me com frequência que esta pessoa me abandone. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 3. Preocupo-me com frequência que esta pessoa não goste realmente de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 4. Preocupo-me que esta pessoa não goste de mim tanto quanto eu gosto dela. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 5. Desejo com frequência que os sentimentos desta pessoa sejam tão fortes como os meus por ela. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 6. Preocupo-me bastante acerca das minhas relações. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7. Quando não estou com essa pessoa, preocupo-me com a eventualidade de ele se interessar por outra mais do que por mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 8. Quando demonstro os meus sentimentos a esta pessoa, tenho receio que ela não sinta o mesmo por mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 9. Raramente me preocupo com a possibilidade desta pessoa me abandonar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 10. Esta pessoa faz-me duvidar de mim próprio(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 11. Não é frequente preocupar-me em ser abandonado(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 12. Eu acho que esta pessoa não se aproxima de mim tanto quanto eu desejaria. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 13. Às vezes, esta pessoa muda os sentimentos dela acerca de mim sem razão aparente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 14. O meu desejo de estar muito próximo às vezes afugenta essa pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 15. Tenho receio que, a partir do momento em que esta pessoa me conheça realmente, ela não vá gostar de quem sou. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 16. Deixa-me enfurecido(a) não ter o afecto e apoio que necessito desta pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 17. Preocupo-me que eu não esteja ao nível desta pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

Não concordo nada				Concordo totalmente	
1	2	3	4	5	6

18. Esta pessoa só parece reparar em mim quando estou zangado(a). 1 2 3 4 5 6
19. Prefiro não demonstrar a esta pessoa como realmente me sinto. 1 2 3 4 5 6
20. Sinto-me confortável a partilhar os meus pensamentos e sentimentos mais privados. 1 2 3 4 5 6
21. É difícil permitir-me contar com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
22. É confortável sentir-me próximo dessa pessoa. 1 2 3 4 5 6
23. Não me é confortável “abrir-me” a essa pessoa. 1 2 3 4 5 6
24. Prefiro não estar demasiado próximo(a) desta pessoa. 1 2 3 4 5 6
25. É-me desconfortável quando esta pessoa quer estar muito próxima. 1 2 3 4 5 6
26. É relativamente fácil aproximar-me desta pessoa. 1 2 3 4 5 6
27. Não é difícil aproximar-me desta pessoa. 1 2 3 4 5 6
28. Frequentemente falo sobre os meus problemas e preocupações com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
29. Em alturas difíceis, é útil recorrer a esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
30. Eu conto quase tudo a esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
31. Eu resolvo os meus problemas com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
32. Sinto-me nervoso quando esta pessoa se aproxima demasiado. 1 2 3 4 5 6
33. É-me confortável contar com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
34. É-me fácil contar com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
35. É-me fácil ser afectuosa com esta pessoa. 1 2 3 4 5 6
36. Esta pessoa realmente compreende-me a mim e às minhas necessidades. 1 2 3 4 5 6

Anexo 3 – Students Career Concerns Inventory – versão portuguesa (Gonçalves & Coimbra, 2004)

As afirmações que se seguem referem-se a algumas questões relativas ao desenvolvimento vocacional de adolescentes e jovens. Leia cada uma delas cuidadosamente e indique, de acordo com a escala proposta, como se sente relativamente a estas tarefas da sua vida. Assinale apenas UMA resposta em cada frase.

Nada preocupado/ansioso			Totalmente preocupado/ansioso		
1	2	3	4	5	6

Faça uma cruz no número que melhor reflecte o que sente neste momento.

- | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|
| 1. Pensar acerca de como será o meu futuro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 2. Aprender a contar comigo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 3. Decidir por mim mesmo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 4. Agir de forma amigável. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 5. Relacionar-me com diferentes tipos de pessoa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 6. Aprender acerca dos diferentes tipos de profissões. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7. Reconhecer os meus talentos e capacidades. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 8. Encontrar o tipo de trabalho mais adequado para mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 9. Esperar que tenha um bom futuro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 10. Parar para pensar antes de agir impulsivamente. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 11. Assumir a responsabilidade pelos meus actos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 12. Preocupar-me com as necessidades dos outros. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 13. Assumir compromissos com os outros. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 14. Discutir questões acerca do meu projecto de vida com professores, pais e psicólogos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 15. Nomear algumas profissões que se adaptem às minhas capacidades e interesses. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 16. Ter ideias claras acerca do tipo de trabalho que quero fazer. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 17. Perceber que as minhas escolhas actuais afectam o meu futuro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 18. Manter as minhas crenças. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 19. Ter uma ideia clara sobre o que quero na vida. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

Nada preocupado/ansioso			Totalmente preocupado/ansioso		
1	2	3	4	5	6

20. Cooperar com outros em alguns projectos de grupo.	1	2	3	4	5	6
21. Fazer as coisas com consciência.	1	2	3	4	5	6
22. Explorar as várias profissões que me podem interessar.	1	2	3	4	5	6
23. Decidir sobre aquilo que quero fazer na vida.	1	2	3	4	5	6
24. Sonhar em trabalhar na área que vou escolher.	1	2	3	4	5	6
25. Preparar-me para o futuro.	1	2	3	4	5	6
26. Identificar os meus objectivos.	1	2	3	4	5	6
27. Assumir seriamente os meus objectivos.	1	2	3	4	5	6
28. Sentir-me orgulhoso com o trabalho bem feito.	1	2	3	4	5	6
29. Aprender com os meus erros.	1	2	3	4	5	6
30. Entrevistar pessoas em profissões que eu gosto.	1	2	3	4	5	6
31. Planear como ter acesso na profissão que vou escolher.	1	2	3	4	5	6
32. Saber que a educação e a formação são necessárias para a minha profissão preferida.	1	2	3	4	5	6
33. Ver (planear) um futuro com sucesso.	1	2	3	4	5	6
34. Comprometer-me a atingir os meus objectivos.	1	2	3	4	5	6
35. Esforçar-me para ter sucesso.	1	2	3	4	5	6
36. Ter confiança em mim próprio.	1	2	3	4	5	6
37. Ter uma ideia clara acerca da minha personalidade.	1	2	3	4	5	6
38. Explorar o tipo de formação necessária para as diferentes profissões.	1	2	3	4	5	6
39. Realizar a formação necessária para a profissão que mais gosto.	1	2	3	4	5	6
40. Cumprir os meus deveres com eficiência.	1	2	3	4	5	6
41. Relacionar o conhecimento de mim próprio com as diversas possibilidades profissionais.	1	2	3	4	5	6
42. Identificar quais os valores que são importantes para mim.	1	2	3	4	5	6
43. Envolver-me em actividades de lazer e trabalho de voluntariado que eventualmente me poderão ajudar para entrar no trabalho preferido.	1	2	3	4	5	6

Muito obrigada pela colaboração!

Anexo 4 - Análise Factorial Exploratória da ECR-R – Estudo actual 07/08 – Figura Paterna

Componentes			
	Evitante	Ansioso	Seguro
EP1		,744	
EP2		,817	
EP3		,845	
EP4		,837	
EP5		,666	
EP6		,625	
EP7		,683	
EP8			
EP9		,664	
EP10			,418
EP12	,592		
EP13	,690		
EP14	,584		
EP15	,584		
EP16	,593		
EP18	,652		
EP19	,658		
EP20	,611		,436
EP21			
EP23	,683		
EP24	,555		
EP25	,741		
EP28	,561		,578
EP29			,442
EP30			,448
EP31			
EP32	,551		
EP33			,557
EP34			,476
EP35			,436

Anexo 5 - *Análise Factorial Exploratória da ECR-R – Estudo actual 07/08 – Figura Materna*

	Component		
	Evitante	Ansioso	Seguro
EP1		,736	
EP2		,799	
EP3		,828	
EP4		,827	
EP5		,652	
EP6		,627	
EP7		,669	
EP8			
EP9		,671	
EP10			,604
EP12	,634		
EP13	,660		
EP14	,729		
EP15	,674		
EP16	,659		
EP18	,588		
EP19	,731		
EP20	,656		,605
EP21			
EP23	,590		
EP24	,607		
EP25	,515		
EP28	,543		
EP29			,717
EP30			,675
EP31			,696
EP32	,700		
EP33			,687
EP34			,657
EP35			,737

Anexo 6 - Análise Factorial Exploratória da ECR-R – Estudo actual 07/08 – Par Romântico

Componentes			
	Evitante	Ansioso	Seguro
EP1		,789	
EP2		,831	
EP3		,802	
EP4		,830	
EP5		,733	
EP6		,699	
EP7		,700	
EP8		,660	
EP9			
EP10			,681
EP12	,513		
EP13	,651		
EP14	,673		
EP15	,688		
EP16	,511		
EP18	,502		
EP19	,658		
EP20	,702		
EP21			,702
EP23	,698		
EP24	,678		
EP25	,692		
EP28	,572		
EP29			,737
EP30			,769
EP31			,729
EP32	,678		
EP33			,707
EP34			,792
EP35			,659

Anexo 7 - Análise Factorial Exploratória da ECR-R – Estudo actual 07/08 – Melhor Amigo

Componentes			
	Evitante	Ansioso	Seguro
EP1		,739	
EP2		,839	
EP3		,837	
EP4		,825	
EP5		,753	
EP6		,596	
EP7		,699	
EP8			
EP9		,653	
EP10			,561
EP12	,672		
EP13	,563		
EP14	,638		
EP15	,733		
EP16	,687		
EP18	,510		
EP19	,716		
EP20	,624		
EP21			,563
EP23	,538		
EP24	,686		
EP25	,692		
EP28	,783		
EP29			,726
EP30			,750
EP31			,673
EP32	,669		
EP33			,750
EP34			,754
EP35			,701

Anexo 8 - Análise Factorial Exploratória da SCCI-P – Estudo actual

	Componentes				
	Cooperação	Convicções	Confiança	Investimento	Exploração
SCCI1			,612		
SCCI2	.630				
SCCI3	.785				
SCCI4	.761				
SCCI5	.709				
SCCI8				,595	
SCCI9			,588		
SCCI11	.671				
SCCI13	.631				
SCCI14					,529
SCCI15					,520
SCCI16				,598	
SCCI17				,601	
SCCI18		,519			
SCCI19				,683	
SCCI23				,650	
SCCI25			,662		
SCCI27		,575			
SCCI28		,649			
SCCI30					,529
SCCI31			,505		
SCCI32					
SCCI33			,690		
SCCI34			,525		
SCCI35			,512		
SCCI36		,527			
SCCI37		,671			
SCCI38					,520
SCCI40		,590			
SCCI41		,517			
SCCI42		,612			
SCCI43					,593
